

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS)
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

EVERTON PUJOL GUTERRES

IDENTIDADE CHARRUA NO URUGUAI

ERECHIM

2024

EVERTON PUJOL GUTERRES

IDENTIDADE CHARRUA NO URUGUAI

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada
em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.
Orientador: Gerson Wasen Fraga

ERECHIM

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Guterres, Everton Pujol
Identidade Charrua no Uruguai / Everton Pujol
Guterres. -- 2024.
54 f.:il.

Orientador: Doutor Gerson Wasen Praga

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim, RS, 2024.

1. Charruas. 2. História do Uruguai. 3. Garra
Charrua. 4. Identidade uruguaia. I. Praga, Gerson Wasen,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

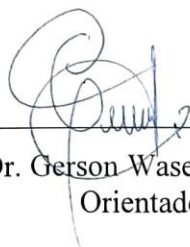
EVERTON PUJOL GUTERRES

IDENTIDADE CHARRUA NO URUGUAI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 13/12/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga – UFFS
Orientadora



Prof.ª Dr.ª Bruna Lima – UFFS
Avaliador



Prof. Dr. Renan Santos Mattos – UFFS
Avaliador



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço á minha família, meus antepassados Charruas ou não, os quais me deram o privilégio de estar aqui, pois não nos damos conta que para podermos desfrutar da vida que temos hoje inúmeras gerações dos nossos antepassados passaram por diversos infortúnios e mazelas das quais tiveram que superar.

Aos meus pais Umberto e Vilma que trabalharam duro para me dar a oportunidade de realizar uma primeira graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Santa Maria, profissão esta pela qual provenho meu sustento e de minhas filhas.

Aos professores da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), em especial aos do Curso de História pelo acolhimento, empenho e dedicação com que desempenham essa magnifica profissão que é ser educador em uma universidade pública relativamente nova e com muitos desafios pela frente, porque educar é libertar, o conhecimento vem a ser um emancipador e nos possibilita vislumbrar coisas jamais imagináveis.

A minha esposa Juliana e minhas filhas Lívia e Lara pelo apoio em todos os momentos durante essa caminhada no curso de História.

Dedico este trabalho às minhas gurias.

*Os ninguéns: os filhos de ninguém, os dono de nada.
Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a
vida, fodidos e mal pagos:
Que não são, embora sejam.
Que não falam idiomas, falam dialetos.
Que não praticam religiões, praticam superstições.
Que não fazem arte, fazem artesanato.
Que não são seres humanos, são recursos humanos.
Que não tem cultura, têm folclore.
Que não têm cara, têm braços.
Que não têm nome, têm número.
Que não aparecem na história universal, aparecem nas
páginas policiais da imprensa local.
Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.*

*Eduardo Galeano
O Livro dos Abraços*

RESUMO

Analisar o processo de construção da nação uruguaia exige uma compreensão aprofundada do seu cenário político e econômico marcado pelo jogo de interesses das elites locais e das potências internacionais na Bacia do Prata. Pensar constituição da identidade da República Oriental do Uruguai envolve reconhecer o processo de genocídio dos povos indígenas e a consequente impossibilidade dos sobreviventes de manifestar a sua cultura, que contribuíram para a formação de uma sociedade estruturada em torno de uma identidade branca. A negação de vestígios da presença dos Charruas nas Bandas Orientais reflete a exclusão deliberada de sua contribuição cultural e social, em prol do sucesso do projeto de branqueamento populacional. Diante do exposto, temos como objetivo geral analisar de que forma a identidade Charrua se mantém presente no estado uruguaio contemporâneo. Temos como objetivos específicos historicizar o processo de apagamento da figura do Charrua no Uruguai, analisar sua presença enquanto reconhecimento identitário e compreender as nuances que compõe o povo e a nação uruguaia. O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro, intitulado “Os Charruas do Uruguai ou o Uruguai dos Charruas?”, o segundo capítulo, “A Identidade Charrua em Perspectiva” e o terceiro “Os Charruas Vivem”. Com a realização da revisão bibliográfica percebemos que o desenvolvimento do Uruguai após a consolidação do processo de ocupação, cercamento de terras e consequente expulsão ou interiorização dos povos indígenas determinou os rumos sociais e econômicos da República Oriental. Esses processos estabeleceram os alicerces de uma narrativa histórica que marginaliza as possíveis contribuições dos Charruas, enfatizando exclusivamente seu caráter belicoso e rotulando-os como inimigos da civilidade. Reforçando a ideia de que mesmo com os movimentos contemporâneos ainda não há, de fato, interesse em preservar a memória dos Charruas. Desrespeitando a cultura e a identidade daqueles que ainda carregam os traços da ancestralidade Charrua, mesmo que de forma invisibilizada.

Palavras-chave: Charruas. História do Uruguai. Garra Charrua. Identidade uruguaia.

RESUMEN

Analizar el proceso de construcción de la nación uruguaya exige una comprensión profunda de su contexto político y económico, marcado por el juego de intereses de las élites locales y de las potencias internacionales en la Bacia del Plata. Pensar en la constitución de la identidad de la República Oriental del Uruguay implica reconocer el proceso de genocidio de los pueblos indígenas y la consecuente aculturación de los sobrevivientes, quienes contribuyeron a la formación de una sociedad estructurada en torno a una identidad blanca. La negación de vestigios de la presencia de los Charrúas en las Bandas Orientales refleja la exclusión deliberada de su contribución cultural y social en aras del éxito del proyecto de blanqueamiento poblacional. Frente a lo expuesto, nuestro objetivo general es analizar cómo la identidad Charrúa se mantiene presente en el Estado uruguayo contemporáneo. Nuestros objetivos específicos son: historificar el proceso de borrado de la figura del Charrúa en Uruguay, analizar su presencia como elemento de reconocimiento identitario y comprender las complejidades que conforman al pueblo y la nación uruguaya. El trabajo está organizado en tres capítulos. El primero, titulado “¿Los Charrúas del Uruguay o el Uruguay de los Charrúas?”; el segundo capítulo, “La Identidad Charrúa en Perspectiva”; y el tercero, “Los Charrúas Viven”. A partir de la revisión bibliográfica, se observa que el desarrollo de Uruguay, tras la consolidación del proceso de ocupación, cercamiento de tierras y la consecuente expulsión o interiorización de los pueblos indígenas, determinó el rumbo social y económico de la República Oriental. Estos procesos establecieron los cimientos de una narrativa histórica que marginaliza las posibles contribuciones de los Charrúas, enfatizando exclusivamente su carácter belicoso y etiquetándolos como enemigos de la civilización. Esto refuerza la idea de que, incluso con los movimientos contemporáneos, no existe aún un interés real en preservar la memoria de los Charrúas. Se sigue desestimando la cultura y la identidad de aquellos que aún portan los rasgos de la ascendencia Charrúa, aunque de manera invisibilizada.

Palabras clave: Charrúas. Historia de Uruguay. Garra Charrúa. Identidad uruguaya.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa da ocupação do pampa	16
Figura 2 Mapa do território Cisplatino em 1821	18
Figura 3 Mapa dos grupos que reivindicam a identidade Charrua	32
Figura 4 Troféu Charrua de Oro	46
Figura 5 Flyer Premios Charrua 2023-2024	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 OS CHARRUAS DO URUGUAI OU O URUGUAI DOS CHARRUAS?	15
2 A IDENTIDADE CHARRUA EM PERSPECTIVA.....	24
2.1 OS CHARRUAS E A LUTA POR RECONHECIMENTO	26
3 OS CHARRUAS VIVEM?	34
3.1 O FUTEBOL E A GARRA CHARRUA	35
3.2 REPRESENTAÇÕES NO ÁLBUM DO CENTENÁRIO INDEPENDÊNCIA DO URUGUAI.....	38
3.3 OUTRAS REPRESENTAÇÕES RELEVANTES.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50
ANEXO I MAPPA COROGRAPHICO DA PROVINCIA CISPLATINA	54

INTRODUÇÃO

Em 1925, o governo uruguaio manifesta por meio de uma nota o orgulho de ter exterminado os povos indígenas do país: “[Uruguay es] ...la única nación de América que puede hacer la afirmación categórica de que dentro de sus límites territoriales no contiene un solo núcleo que recuerde su población indígena”¹ (Caetano, 2010, 167). Tal afirmação era motivo de orgulho por parte do governo pelo fato de se buscar consolidar a ideia da identidade uruguaia como um crisol de “raças caucasianas” (um país de brancos governado para brancos).

Pensar acerca do processo de construção da nação uruguaia requer compreender um complexo cenário político e econômico que permeavam os interesses locais e internacionais por toda a Bacia do Prata. “O início da independência parecia favorecer os planos de maior influência das potências no Novo Mundo, sobretudo no caso da Inglaterra” (Pozo, 2008, p. 39). Ao ponto de ser desencadeada a Guerra Cisplatina em 1825, onde uruguaios aliados aos argentinos se voltaram contra o Brasil e sua política de dominação da região. Após cerca de três anos de embates, e sem a proeminência de um vencedor, a Inglaterra orquestrou a construção de um armistício “[...] pela qual ambas as partes signatárias renunciavam aos direitos que entendiam ter sobre a Província Oriental ou Província Cisplatina e reconheceram sua independência como República Oriental do Uruguai” (Soares, 1972, p. 314), esta análise, por sua vez, precisa ser pensada em conjunto com a participação dos movimentos locais que visavam a independência, sem eles, não teria ocorrido a efervescência política interna que criou condições para o processo de independência.

Acosta y Lara (2004, p. 68) recuperam uma correspondência que fora enviada ao presidente Rivera em 1830, que dá a tônica da mentalidade que estava se construindo:

En los primeros días de diciembre de 1830, un vecino de la costa de Cuñapirú le escribía al Presidente Rivera: “hemos sido robados por una partida de ladrones, que supongo ser Charrúas. Estos malvados ladrones no han cesado de dos meses a esta parte de robar los ganados y saquear varias casas. E por esto que aviso a V.E. estar reunidos en un punto todos los vecinos de esta provincia, hasta que V.E. por su humanidad nos dé algunas providencias para el sosiego de los vecinos y seguridad de sus intereses”².

¹ “[O Uruguai é]... a única nação da América que pode fazer a afirmação categórica de que dentro de seus limites territoriais não contém um único núcleo que lembre sua população indígena” (tradução minha)

² Nos primeiros dias de dezembro de 1830, um morador do litoral de Cuñapirú escreveu ao presidente Rivera: “fomos assaltados por um grupo de ladrões, que presumo serem Charrúas. Esses ladrões malvados não param há dois meses de roubar gado e saquear várias casas. É por isso que notifico Vossa Excelência. Todos os vizinhos desta província estarão reunidos num determinado momento, até que Vossa Excelência, pela sua humanidade, nos dê algumas medidas para a paz dos vizinhos e a segurança dos seus interesses. (tradução minha).

Portanto, a narrativa que consolidou o Uruguai como um país sem indígenas é fomentada por “sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (Hall, 2011, p. 55)”. Ao afirmar que não existem resquícios da presença dos Charruas nas Bandas Orientais, assume-se que sua presença não se enquadrava nos modelos sociais desejados, e seu apagamento se fazia necessário para o êxito da proposta de branqueamento da população.

O apagamento destes povos cria uma autoimagem que o

*Uruguay es un país que se piensa a sí mismo como “país sin indios”. La imagen que predomina (y que el Estado ha contribuido a construir) es la de una sociedad conformada por gran número de ciudadanos de ascendencia europea, con valores occidentales y vocación cosmopolita. Durante décadas, las narrativas de la nación han ido relegando a los indígenas a un papel meramente decorativo y distante, a un elemento casi exótico de la vida del país*³(Verdesio, 2014, p. 89).

Os Charruas ocuparam os “campos situados mais ao sul da bacia do Rio da Prata, onde predominam relevos de planície”. (Panitz, 2010, p. 20), entre a província de Entre Rios (Argentina), o Uruguai contemporâneo e o estado Rio Grande do Sul (Brasil). Os Charrua compreendem dois grupos étnicos: Bohan e Guenoa-Minuanos⁴. O povo Charrua, habitantes tradicionalmente em um território contínuo localizado entre a província de Entre Rios (Argentina), o atual Uruguai e o Estado Rio Grande do Sul (Brasil), continuam ali vivendo, e resistindo, apesar das políticas de extermínio e apagamento produzidas pelo Estado (de distintos países) e seus aliados. Os Charrua são, ainda hoje, invisibilizados e expulsos das narrativas oficiais sobre a identidade nacional. Atualmente, vivem de forma dispersa e estão presentes nos três Estados sul-americanos, em consequência de um forte processo de dispersão e destruição das suas comunidades territoriais, executado no século XVIII e XIX, e das guerras pela independência desses países (Corte, 2017, p. 10)

Corte (2017, p. 47) reproduz a ficha descritiva do povo Charrua e Minuan no Museu do Homem e a Tecnologia da cidade de Salto, Uruguai:

Los charrúas y minuanes eran cazadores, corredores de llanuras, no selvícolas, erráticos de elemental nivel cultural, sin tejeduría y con cerámica elemental; usaban como armas el arco y la flecha, la lanza corta y las boleadoras, botas perdidas y

³ O Uruguai é um país que se considera um “país sem índios”. A imagem que predomina (e que o Estado tem contribuído para construir) é a de uma sociedade constituída por um grande número de cidadãos de ascendência europeia, com valores ocidentais e uma vocação cosmopolita. Durante décadas, as narrativas da nação relegaram os povos indígenas a um papel meramente decorativo e distante, a um elemento quase exótico da vida do país (tradução minha).

⁴ Guenoa: era a denominação dada aos Minuanes pelos espanhóis. Minuanos era a denominação dada aos Minuanes pelos portugueses.

rompecabezas. Se adaptaron muy rápidamente al uso del caballo convirtiéndose en habilísimos jinetes, lo cual aumentó mucho su capacidad guerrera. Sus tolдерías entre los siglos XVIII y XIX se convirtieron en refugio de vagos y desertores, con los que se alían para depredar ganado, incendiar campos, bolear yegunos y lancear cristianos⁵.

Cabe refletir, portanto, que a constituição da identidade da República Oriental do Uruguai perpassa pelo processo de genocídio dos povos indígenas e a impossibilidade dos sobreviventes de manifestar a sua cultura, para construção de uma sociedade notadamente construída em prol de uma identidade branca (caucasiana) e por consequência desenvolvida e livre da “malemolência” dos indígenas. Tendo em vista que:

(...) as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que é ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade”...veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (Hall, 2011, p. 48-49).

A partir do exposto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar de que forma a identidade Charrua se mantém presente no estado uruguaio contemporâneo. Pois partimos da hipótese de que ao ser declarado com um grupo originário extinto por meio de um genocídio, sua contribuição ou preservação em tese, seria praticamente inexistente. Todavia, pela vivência em uma região de fronteira com o país em questão, vi ao longo dos anos uma forte presença do mestiço, que não se identificava como Charrua nem como descendente de europeu.

Assim, temos como objetivos específicos historicizar o processo de apagamento da figura do Charrua no Uruguai, analisar sua presença enquanto reconhecimento identitário e compreender as nuances que compõe o povo e a nação uruguaia. Para dar conta da proposta realizaremos uma revisão bibliográfica abordando conceitos chave como identidade, garra charrua, representação e memória. Em virtude de a temática ter uma significativa parcela dos materiais em espanhol, optamos por manter sua forma original no corpo do texto e a tradução em notas de rodapé.

⁵ Os Charruas e Minuanes eram caçadores, corredores das planícies, não silvicultores, gente errática de nível cultural elementar, sem tecelagem e com cerâmica elementar; Usavam como armas o arco e flecha, a lança curta e as boleadeiras, botas perdidas e quebra-cabeças. Adaptaram-se muito rapidamente ao uso de cavalos, tornando-se cavaleiros muito habilidosos, o que aumentou muito a sua capacidade guerreira. Suas tendas entre os séculos XVIII e XIX tornaram-se refúgio de vagabundos e desertores, com os quais se uniram para atacar o gado, atear fogo aos campos, lançar cavalos e dar lanças aos cristãos (tradução minha).

Para fins estruturação dividimos o trabalho em três capítulos, o primeiro intitulado “Os Charruas do Uruguai ou o Uruguai dos Charruas?”, abordamos a ocupação do Uruguai, os desdobramentos políticos do século XIX e a percepção dos colonizadores sobre os Charrua, trazemos elementos sobre figuras proeminentes nos processos políticos e a ruptura proposta pelo Batllismo. No capítulo seguinte, “A identidade Charrua em perspectiva” abordamos a noção de Nação, comunidade, identidade para compreender a construção e a consolidação da sua identidade nacional, o apagamento dos Charruas e a luta pelo seu reconhecimento após mais de um século que a etnia fora declarada como extinta no país. Por fim, no terceiro capítulo, “Os Charruas vivem”, abordamos a criação do termo garra charrua e de que forma sua representação ocorre no futebol, na música e no Álbum do Centenário da Independência do Uruguai e nos troféus que Charrua de Ouro e Premios de Charrua.

1 OS CHARRUAS DO URUGUAI OU O URUGUAI DOS CHARRUAS?

Pensar sobre a ocupação das bandas orientais, requer que se tenha em perspectiva que ao longo do século XVI e início do XVII, as tentativas da coroa espanhola de controlar a Bacia do Prata não obtiveram sucesso, a sua maioria em virtude da resistência dos povos indígenas que ocupavam as terras. Os invasores espanhóis vinham para os novos territórios com o intuito de “*fundar una densa red de ciudades que les permitiera asegurar la conquista, explotar y dominar las tierras y las personas que se iban incorporando, afirmar la soberanía real y establecer y extender la fe*”⁶ (Areces, 2000, p. 147).

A formação da América espanhola estava amparada no pressuposto de que “*quien no poblar, no hará buena conquista, y no conquistando la tierra, no se convertirá la gente: así que la máxima del conquistador ha de ser poblar*”⁷ (López de Gómara, *apud* Latini, 2013, p. 208). Seria, portanto, uma espécie de reinterpretação da reconquista da Península Ibérica. A construção de cidades era fundamental para o sucesso da proposta da coroa espanhola.

O desenvolvimento do Uruguai após a consolidação do processo de ocupação e cercamento das terras e consequente expulsão / interiorização dos indígenas definiu os rumos sociais e econômicos da República Oriental, e por consequência construíram os alicerces para o fortalecimento de uma narrativa histórica que apaga as possíveis contribuições dos Charruas para o processo de independência por exemplo, para ressaltar apenas seu lado belicoso, dotando-os da pecha de inimigos da civilidade.

¿Qué es el Uruguay? ¿Quiénes son los uruguayos? Si realizamos esta pregunta en el presente obtendremos diferentes respuestas, la mayoría de ellas se han ido construyendo y re-construyendo en el transcurso de los siglos XIX y XX. La primera respuesta se desarrolló durante el proceso de independencia, formulación y concreción territorial y jurídica del país, territorio que sufrió modificaciones durante el siglo XIX por la fuerte intervención política y militar que ejercieron sus dos países vecinos, Brasil y Argentina. La segunda es más complicada de contestar, existen múltiples variables que influyen en las respuestas, idas y vueltas, formulaciones y reformulaciones sobre los Orígenes de nuestra identidad nacional⁸ (García Goyos, 2016, p. 29).

⁶ “fundar uma densa rede de cidades que lhes permitisse garantir a conquista, explorar e dominar as terras e os povos que iam sendo incorporados, e afirmar a soberania real e estabelecer e ampliar a fé” (tradução minha)

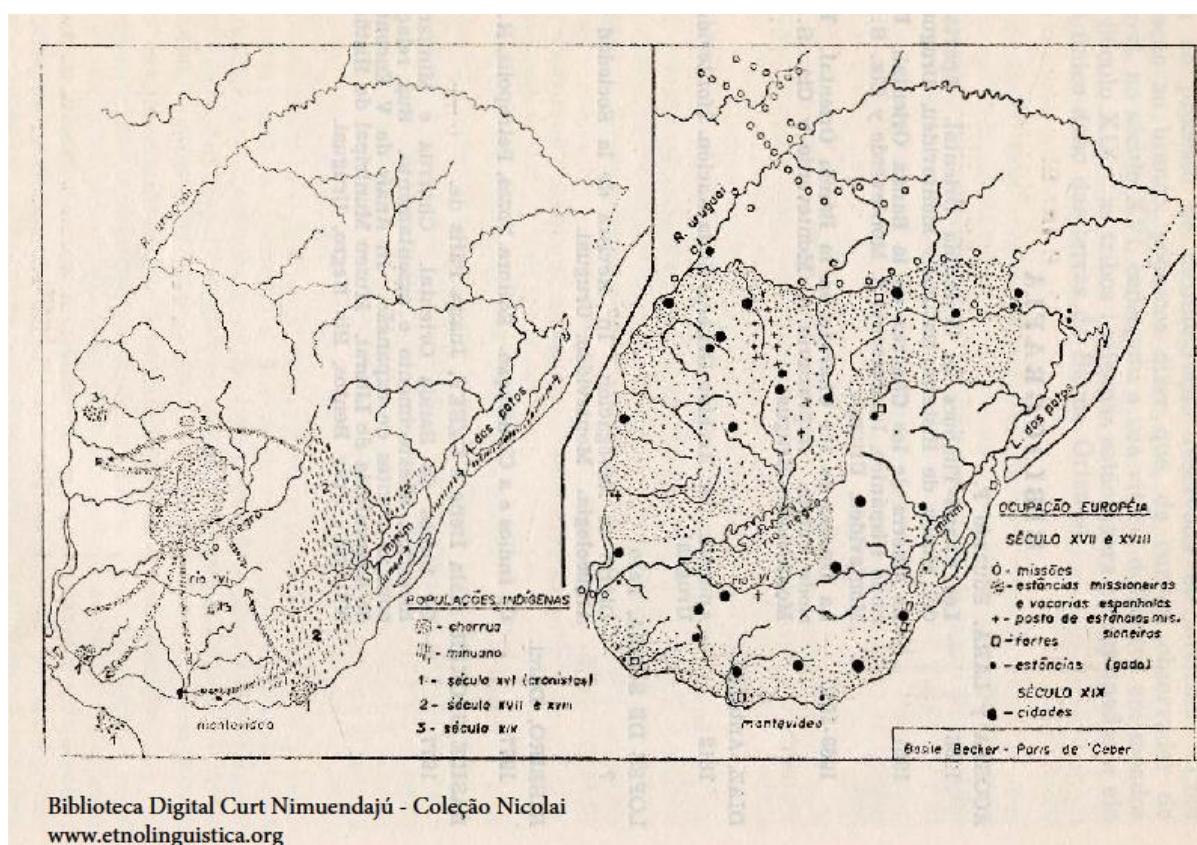
⁷ “Quem não povoa, não fará uma boa conquista, e por não conquistar a terra, ele não converterá o povo: então a máxima do conquistador deve ser povoar” (tradução minha)

⁸ O que é o Uruguai? Quem são os uruguaios? Se fizermos essa pergunta no presente, obteremos diferentes respostas, a maioria das quais foi construída e reconstruída ao longo dos séculos XIX e XX. A primeira resposta foi elaborada durante o processo de independência, formulação e concretização territorial e jurídica do país, cujo território sofreu modificações ao longo do século XIX devido à forte intervenção política e militar exercida por seus dois países vizinhos, Brasil e Argentina. A segunda questão é mais complexa de responder, pois existem múltiplas variáveis que influenciam as respostas, idas e vindas, formulações e reformulações sobre as origens da nossa identidade nacional.

As perguntas acima podem ser respondidas de várias formas, de acordo com o olhar daquele que responde. Principalmente se o responsável por ela faça parte do grupo que foi declarado extinto.

No mapa a seguir, vemos, a ocupação dos povos originários na região do pampa e posteriormente a inserção dos grupos europeus:

Figura 1 Mapa da ocupação do pampa



Fonte: Becker, Cabey, 1977, p. 18

Cabe ainda citar, que as fronteiras uruguaias não estavam totalmente definidas, como vemos no excerto a seguir:

1º) a Convenção de Paz de 1828 não definira os limites entre o Império do Brasil e o Uruguai [...] 2º) a Chancelaria uruguia reclamava, ao se iniciarem as conversações com o Império, como limites de jure, os limites de 1777. Para a Chancelaria imperial o tratado de 1777, de Santo Ildefonso, era um tratado caduco; 3º) a Chancelaria imperial reclamava os limites do Acordo de 1821. A pretensão uruguia de estribar-se na linha do caduco tratado de Santo Ildefonso transformaria o rio Piratini e limite oriental e daria as Missões ao Uruguai. Era inaceitável. Assim, o Uruguai viu-se na situação de um país 'sem fronteiras reconhecidas' (Soares, 1972, p. 315).

Portanto, “*el establecimiento formal del estado uruguayo data de 1828-30 con la instalación de un gobierno provisorio primero y la puesta en marcha de la Constitución que le dio forma definitiva dos años más tarde*”⁹ (Yaffe, 2003, p.323). O Estado uruguaio consolida suas fronteiras pelo tratado de 1851, e passa o restante do século XIX em busca de retificar junto ao governo brasileiro estas fronteiras, o que ocorre de fato em 1907 (Heinsfeld, 2007). Outro elemento importante da criação do Uruguai, é proclamação de sua primeira Carta Magna em 1830, com relação aos problemas da nação recém-criada, Coronato (s/a, p. 05) eram cinco:

1º Escassa população, contando com apenas 74.000 habitantes em 1830 (19% do total na capital Montevideu); 2º Problemas econômicos derivados da dependência exclusiva da pecuária; 3º Balança comercial desfavorável, trazendo grande debilidade financeira para o Estado; 4º Caudilhismo e dificuldades em lidar com a normatização política; 5º Por fim, internacionalização dos partidos e ingerência estrangeira, especialmente de Buenos Aires e da elite do Rio Grande do Sul. Ademais, o Uruguai, assim como toda a região do Prata, presenciou no período um quadro de conflitos internos e externos, que por conta da indefinição das fronteiras e internacionalização dos interesses, levou a região platina a passar por convulsões permanentes.

Yaffe (2003, p. 325) corrobora com o cenário descrito acima ao apontar que:

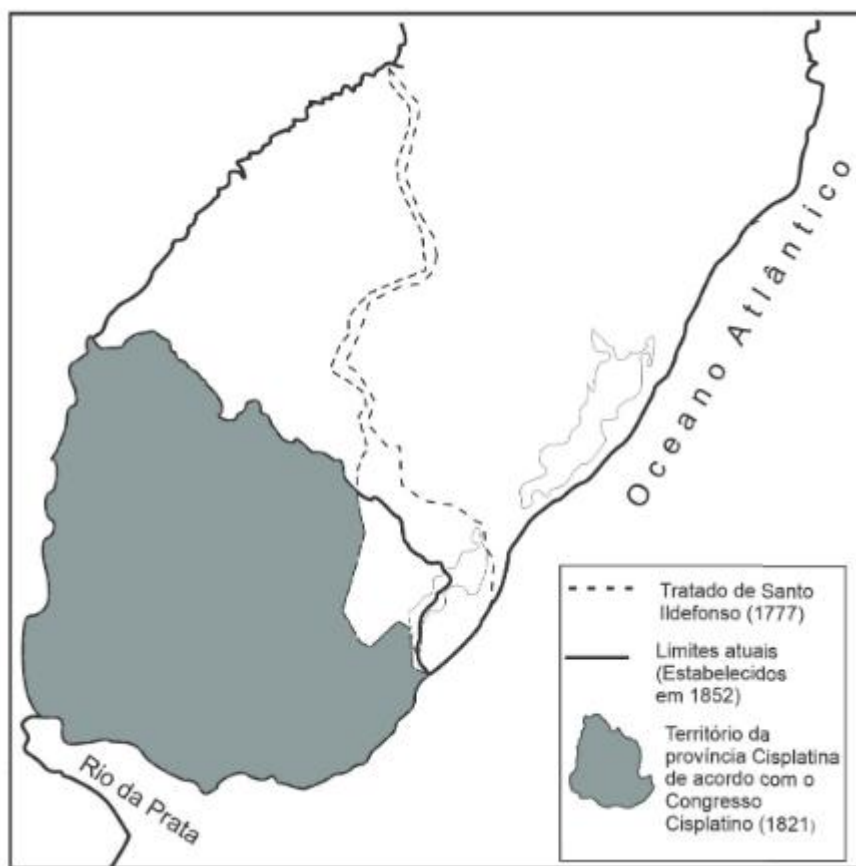
*La estructura económico-social heredada de la época colonial no sufrió alteraciones significativas a la largo de las cinco primeras décadas de vida independiente. La economía tradicional estaba caracterizada por el absoluto predominio de la ganadería vacuna extensiva y de la actividad comercial centrada en el puerto de Montevideo. La propiedad de la tierra fue difusa (por la superposición de títulos de diverso origen y la generalizada apropiación ilegal de tierras fiscales) y permaneció indefinida hasta el período militarista. Este fue el origen de una conflictividad social permanente entre propietarios, entre propietarios y hacendados sin títulos (ocupantes o simples poseedores); y entre propietarios y/o ocupantes y el Estado*¹⁰.

Ou seja, historicamente encontrou problemas com a delimitação de suas fronteiras, principalmente durante a vigência da província Cisplatina (anexo I). Winter (2022, p. 197) adaptou de Pivel Devoto (1937) uma representação do território da Província Cisplatina de acordo com o Congresso Cisplatino em 1921:

⁹ “o estabelecimento formal do estado uruguaio é datado de 1828-1830, primeiramente com a instalação de um governo provisório e a implementação da Constituição que lhe deu forma definitiva dois anos depois” (tradução minha)

¹⁰ A estrutura económico-social herdada da época colonial não sofreu alterações significativas ao longo das primeiras cinco décadas de vida independente. A economia tradicional caracterizou-se pelo predomínio absoluto da pecuária extensiva e da atividade comercial centrada no porto de Montevideu. A propriedade da terra era difusa (devido à sobreposição de títulos de diversas origens e à apropriação ilegal generalizada de terras públicas) e permaneceu indefinida até o período militarista. Esta foi a origem do conflito social permanente entre proprietários, entre proprietários e proprietários sem títulos (ocupantes ou simples possuidores); e entre proprietários e/ou ocupantes e o Estado. (tradução minha)

Figura 2 Mapa do território Cisplatino em 1821



Fonte: Winter. 2022, p. 197.

A ideia das “Fronteiras Naturais” (Winter, 2022, p. 197) que ligava o Rio Amazonas ao Rio do Prata, foi utilizada pelas tropas lusoamericanas para invadir a região com o intuito de pacificá-la em 1816, só demonstra a valoração que as terras possuíam, principalmente para os riograndenses que se interessavam pelo gado das bandas orientais. Este período de lutas fortaleceu uma série de personagens locais, como:

José Gervasio Artigas (1764–1850): o expoente da luta pela independência e considerado o "Pai da Pátria". Em 1811, liderou a resistência contra a dominação espanhola, destacando-se na Batalha de Las Piedras. Foi o fundador da Liga Federal, que tinha o intuito de criar uma confederação de províncias autônomas no Rio da Prata.

Fructuoso Rivera (1784–1854): fundador do Partido Colorado e primeiro presidente constitucional do Uruguai. Era aliado de Artigas durante a luta pela independência. Devido a incompatibilidade de ideias romperam politicamente. Rivera rivalizava com Manuel Oribe fundador do Partido Blanco. Foi presidente entre 1830 e 1834 e 1839 e 1843.

Manuel Oribe (1792–1857): fundador do Partido Blanco sucedeu a Rivera no mandato de presidente da República (1835-1838). Acabou deposto por Rivera e fugiu para a Argentina, voltando ao Uruguai como líder das forças Blancas na Guerra Grande (1839–1851).

Juan Antonio Lavalleja (1784–1853) um dos principais aliados de Artigas, é considerado um dos artífices da independência uruguaia. Liderou a expedição Trinta e Três Orientais que declarou a independência em 1825.

As figuras supracitadas foram expoentes de um processo de consolidação da República Oriental do Uruguai, e suas figuras ainda são reverenciadas pela memória oficial do país, por suas contribuições ao longo da primeira metade do século XIX.

Cabe destacar que após o processo de independência do Uruguai, podemos dividir a política local em quatro partes, a formação do Estado e Guerra Grande (1830–1851): período iniciado dois anos após a independência do País mediante assinatura da Convenção Preliminar de Paz, mediada por ingleses e argentinos. Neste ano fora promulgada a primeira constituição uruguaia estabelecendo um governo republicano e representativo. Foram criados os partidos Blanco e Colorado que lutaram pela hegemonia do poder no país. Sopesando que entre 1839 e 1851 instaurou-se uma guerra civil que movimentou inclusive os vizinhos do Prata.

Com o fim deste conflito, temos como reflexo o início da segunda parte dos acontecimentos políticos do país, o domínio Colorado (1851–1870) caracterizado pela centralização do poder em Montevideo, estreitamento das relações econômicas e políticas com o império brasileiro, pelos incentivos à imigração europeia para o país e o fortalecimento das atividades comerciais e portuárias. Medidas que acabaram acarretando a instabilidade política devido a rivalidade entre Blancos e Colorados (1870–1890) onde os Blancos, tradicionalmente associados às elites rurais, grandes proprietários de terras e interesses agrários se opunham ao modelo de gestão dos Colorados, que acabava por minar suas forças e os interesses políticos. Mesmo com diversas tentativas de apaziguamento, as tensões se mantiveram ao longo do século XX. Esta luta pela hegemonia política acabou acarretando o enfraquecimento da democracia uruguaia. O cenário teve uma mudança significativa na virada do século XIX para o XX com a adoção de políticas de modernização e implantação de um pioneiro estado de bem-estar social nas América do Sul. De acordo com Yaffe (2003), o salto definitivo para

La modernización rural operada en el período militarista (1876-1886) consistió en la definitiva afirmación de la propiedad privada de la tierra mediante el estímulo y la casi imposición (medianería forzada) del alambramiento de las unidades productivas

*y la regularización y registro de los títulos de propiedad sobre la tierra así como las marcas y señales sobre el ganado.*¹¹(Yaffe, 2003, p. 327).

Assim, a política no Uruguai foi caracterizada por incessante disputa pela hegemonia do governo e consequente adoção de um modelo gestão mais conservador (Blancos) ou Colorados (liberais). No período em questão, os primeiros defendendo os interesses agrários e os segundos o comércio e o desenvolvimento urbano.

Já no início do século XX, José Batlle y Ordóñez, influente político uruguaio que instaurou uma política voltada para a industrialização e nacionalizações, consolidando o Estado uruguaio como protagonista das relações econômicas e sociais afim de romper com o modelo agroexportador vigente desde a independência no século anterior,

*O primero batllismo (1903-1916), impulsó una amplia política de industrialización, nacionalizaciones y estatizaciones que hicieron del estado un agente económico de primer orden para las dimensiones de la estructura económica del país. La modernización económica operada bajo el primer batllismo estuvo centrada en la dinamización de la economía urbana industrial y en el crecimiento de las empresas públicas aunque, al fracasar en sus planes de reforma rural y fiscal, no alcanzó a trastocar las bases del modelo agroexportador heredado del siglo XIX*¹² (Yaffe, 2003, p. 327)

A mudança no perfil econômico do Uruguai buscava,

...estatización de la idea de lo público, y el establecimiento de una relación de primacía de lo público sobre lo privado; una matriz democrática-pluralista de base estatista y partidocéntrica: una reivindicación del camino reformista que se sobreponía simbólicamente a la antinomia conservación-revolución; la primacía del mundo urbano, con todas sus múltiples implicaciones: el cosmopolitismo de perfil eurocéntrico, el culto a la excepcionalidad uruguaya en el concierto internacional y fundamentalmente dentro de América Latina; la exaltación del legalismo, entendido como el respeto irrestricto a las reglas de juego (contenido y forma del consenso ciudadano); el tono optimista de la convivencia; el destaque de los valores de seguridad y de la integración social, cimentados en una fuerte propensión a la idea de fusión de culturas y sentimientos ¹³(Caetano, 2000, p.10)

¹¹ A modernização rural levada a cabo no período militarista (1876-1886) consistiu na afirmação definitiva da propriedade privada da terra através do incentivo e quase imposição (participação forçada) do cercamento das unidades produtivas e da regularização e registro de títulos de propriedade. terras, bem como marcas e sinais no gado.

¹² O primeiro Batllismo (1903-1916), promoveu uma ampla política de industrialização, nacionalizações e nacionalizações que fez do Estado um agente econômico de primeira ordem para as dimensões da estrutura econômica do país. A modernização econômica levada a cabo no primeiro Batllismo centrou-se na revitalização da economia industrial urbana e no crescimento das empresas públicas, embora, ao falhar nos seus planos de reforma rural e fiscal, não tenha conseguido desestruturar as bases do agro, modelo de exportação herdado do século XIX (Yaffe, 2003, p. 327, tradução minha).

¹³ ...estatização da ideia de público, e estabelecimento de uma relação de primazia do público sobre o privado; uma matriz democrático-pluralista com uma base estatista e centrada no partido: uma reivindicação do caminho reformista que se sobrepôs simbolicamente à antinomia conservação-revolução; a primazia do mundo urbano, com todas as suas múltiplas implicações: o cosmopolitismo com perfil eurocêntrico, o culto ao excepcionalismo uruguaio no concerto internacional e fundamentalmente na América Latina; a exaltação do legalismo, entendido

José Batlle y Ordóñez pode ser considerado “– sobre todo su líder epónimo – (un)hábil sintetizador de dinámicas sociales que venían de antes o que marcaban su presente. Más que construir su tiempo, alojó en su seno lo que este le ofrecía¹⁴” (Caetano; Rilla, 1996, p. 26). Sua gestão é o ponto de ruptura não só com uma política econômica agroexportadora, mas de cunho social e ideológico. Pela primeira vez na história do país a igreja católica foi dissociada do governo. Ao mesmo tempo em que as novas teorias que estavam em voga no período como o darwinismo passaram a ter espaço na sociedade.

Trabado en recia lucha con la iglesia católica en la segunda mitad del siglo pasado, el libre pensamiento recibió un gran impulso con la introducción en el país de las ideas positivistas y en particular del darwinismo. Pero su origen es, en rigor, en varios años antes de tales ideas, surgiendo como un movimiento religioso independiente basado en la metafísica espiritualista y propiciado por adictos a la filosofía universitaria del eclecticismo. Cuando la Universidad se instaló la tradición dogmática era todavía inconstatable en la cultura uruguaya. La enseñanza pública pre-universitaria había estado siempre, antes y después de la emancipación, bajo el patronato espiritual de la iglesia, y católicas habían sido sin mengua de su liberalismo político y jurídico, todas las generaciones intelectuales que hasta entonces había tenido el país. La nueva institución fue igualmente puesta bajo el mismo patronato, siendo de teología una de sus cuatro facultades y su primer rector un sacerdote, el Dr. Lorenzo Fernández, entonces Vicario Apostólico y por tanto jefe de la iglesia uruguaya. En sus aulas, sin embargo, se operó lentamente una evolución que condujo a buena parte del pensamiento nacional –por vez primera en su historia - a la ruptura con la tradición católica. Tardó esa ruptura en producirse, acaso, porque la Iglesia no tuvo en el Uruguay, por el órgano de su clero... ni el oscurantismo doctrinario ni las implicaciones económico-sociales que en otras regiones del continente.¹⁵ (Ardao, 1965, p. 54)

como respeito irrestrito às regras do jogo (conteúdo e forma do consenso cidadão); o tom otimista da convivência; “a ênfase nos valores da segurança e da integração social, assente numa forte propensão para a ideia de fusão de culturas e sentimentos

¹⁴ Sobretudo seu líder epônimo – um habilidoso sintetizador das dinâmicas sociais que já existiam ou que caracterizavam seu presente. Mais do que moldar seu tempo, ele acolheu em si mesmo aquilo que este lhe oferecia (tradução minha)

¹⁵ Na segunda metade do século XIX, o livre pensamento no Uruguai travou uma dura batalha contra a Igreja Católica, recebendo um impulso significativo com a introdução das ideias positivistas e, em particular, do darwinismo. Contudo, sua origem remonta, com maior rigor, a anos anteriores a essas correntes, surgindo como um movimento religioso independente, fundamentado na metafísica espiritualista e promovido por adeptos da filosofia universitária do ecletismo.

Quando a Universidade foi estabelecida, a tradição dogmática ainda era amplamente dominante na cultura uruguia. O ensino público pré-universitário, tanto antes quanto depois da emancipação, sempre esteve sob o patrocínio espiritual da Igreja. Todas as gerações intelectuais que o país havia tido até então eram católicas, mesmo com seu compromisso com o liberalismo político e jurídico. A nova instituição universitária foi também colocada sob esse patrocínio, com a teologia como uma de suas quatro faculdades e tendo como primeiro reitor o sacerdote Dr. Lorenzo Fernández, então Vigário Apostólico e chefe da Igreja uruguia.

Entretanto, nas salas de aula da universidade, iniciou-se um lento processo de evolução que levou boa parte do pensamento nacional – pela primeira vez em sua história – a romper com a tradição católica. Essa ruptura demorou a se concretizar, possivelmente porque a Igreja no Uruguai, através de seu clero, não apresentou nem o obscurantismo doutrinário nem as implicações econômico-sociais que caracterizavam sua presença em outras regiões do continente.

A ruptura que se iniciou foi lenta e gradual, afinal séculos de dogmas e estratificações não desaparecem de um dia para o outro. Ou seja, estas mudanças não são simples, e cada uma delas pode trazer reflexos em diversas áreas da sociedade e da economia.

Diaz (1989) aponta que a filosofia Krausista foi a maior inspiração de Batlle y Ordoñez, e ela pode ser sintetizada em cinco ideias principais:

- 1) *propósitos de recuperación y potencialización de la razón y la experiencia (filosofía y ciencia) y trabazón interna de ambas y de la razón práctica de un 'racionalismo armónico' que es precisamente como se define... la filosofía krausista.*
- 2) *religiosidad, pues, racional, tolerancia y plena libertad religiosa, cristianismo liberal frente a todo tipo de dogmatismos y monolitismos católicos tradicionales.*
- 3) *superación del individualismo y del absorbente colectivismo...*
- 4) *contra todo despotismo y absolutismo político, coherente afirmación de los principios humanistas y liberales.*
- 5) *activo reformismo social y económico - preferible siempre como sistema de cambio - a la revolución violenta*¹⁶(Dias, 1989, p. 28).

Como podemos perceber com o fragmento acima, a construção do Battlismo ocorreu a partir de um sólido arcabouço teórico e metodológico, que contrastava com o modelo até então vigente. Outro ponto importante sobre o desenvolvimento político, econômico e social do Uruguai reside nos impactos da quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, que trouxe uma nova onda de reformas oriundas de uma aliança entre o Battlismo e o nacionalismo independente, que fora freada por um golpe de estado em 1933.

El año 1930, cuando las costas uruguayas se vean visitadas por los primeros vestigios de la depresión capitalista internacional desatada por el crack neoyorkino de 1929, el que marcará el inicio de un segundo impulso reformista viabilizado políticamente por la alianza política del batllismo neto y el nacionalismo independiente. Pero este viraje político que de concretarse probablemente hubiera llevado hacia un nuevo punto las relaciones estado-economía-sociedad, se vio prontamente frenado por el golpe de estado de 1933 que lejos, una vez más, de revertir los tímidos avances estatistas de los años previos, los congeló y por lo mismo los perpetuó en sus rasgos esenciales. De esta forma la segunda modernización llegaba a su fin y el Uruguay iniciaba con el “terrismo” (1933-1942) un nuevo ciclo político y económico¹⁷. (Yaffe, 2003, p. 335)

¹⁶ 1) propósitos de recuperação e potencialização da razão e da experiência (filosofia e ciência) e o entrelaçamento interno de ambas e da razão prática de um “racionalismo harmonioso”, que é precisamente como a filosofia krausista é definida.... 2) religiosidade, portanto, racional, tolerância e plena liberdade religiosa, cristianismo liberal em oposição a todo tipo de dogmatismo e monolitismo católico tradicional. 3) superação do individualismo e absorção do coletivismo... 4) contra todo despotismo e absolutismo político, afirmação coerente dos princípios humanistas e liberais. 5) reformismo social e econômico ativo - sempre preferível como um sistema de mudança - à revolução violenta.

¹⁷ O ano de 1930, quando as costas uruguaias foram visitadas pelos primeiros vestígios da depressão capitalista internacional desencadeada pela crise de Nova Iorque de 1929, que marcaria o início de um segundo impulso reformista tornado politicamente viável pela aliança política do batllismo líquido e do nacionalismo independente. Mas esta mudança política, caso tivesse ocorrido provavelmente teria levado as relações Estado-economia-sociedade a um novo patamar, foi rapidamente travada pelo golpe de Estado de 1933, que esteve longe de reverter os tímidos avanços estatistas dos anos anteriores, congelou-os e, portanto, perpetuou-os em suas características essenciais. Desta forma, a segunda modernização terminou e o Uruguai iniciou um novo ciclo político e econômico com o “terrismo” (1933-1942).

O “terrismo” era um contraponto às mudanças propostas pelo Batllismo, apresentava um caráter conservador, inclusive flertando com os ideais facistas. Assim como em outros Estados da América Latina os regimes ditatoriais controlaram a política e a economia de acordo com os interesses da classe que assumiu o poder, no caso do Uruguai, o conservadorismo do regime estancou as reformas progressistas.

Garcia Goyos (2016, p. 35) aufere:

Podemos afirmar entonces que durante la primera mitad del siglo XX, se construyó y afirmó el discurso fundacional basado en períodos de relativo éxito económico y en la estructura política del Estado intervencionista de corte socialdemócrata. La permanencia (con altibajos y transformaciones) del modelo batllista afirmó el relato nacional que este había construido, anclado a esse marco histórico que sostenía el imaginario de un país viable, exitoso y excepcional con respecto a los otros Estados nacionales latino-americanos¹⁸.

Em tese, o fato do flerte com o fascismo do governo ditatorial dotou de ainda mais valor os impactos das reformas do Batllismo e o pioneirismo do modelo de bem-estar social adotado por um governo que promoveu a nacionalização de setores estratégicos da economia, como bancos, energia, transporte e comunicações, executou uma reforma social e trabalhista que definiu a carga de trabalho em 8 horas diárias, criação das aposentadorias, seguros de saúde e acidente de trabalho, proibição do trabalho infantil, amparo a maternidade, laicidade do estado e liberdade política, além de formalizar um modelo de educação pública e gratuita.

¹⁸ Podemos afirmar então que durante a primeira metade do século XX, o discurso fundador foi construído e afirmado com base em períodos de relativo sucesso econômico e na estrutura política do Estado intervencionista social-democrata. A permanência (com altos e baixos e transformações) do modelo Batllista afirmou a narrativa nacional que construiu, ancorada naquele quadro histórico que sustentava o imaginário de um país viável, bem sucedido e excepcional em relação a outros estados nacionais latino-americanos.

2 A IDENTIDADE CHARRUA EM PERSPECTIVA

Neste capítulo, abordaremos a construção e a consolidação da identidade nacional uruguaia perpassando pelo apagamento dos povos indígenas, principalmente os Charruas e a luta pelo seu reconhecimento após mais de um século que a etnia fora declarada como extinta no país. Utilizamos como marco teórico a perspectiva de que, mesmo as diferenças entre os membros de uma determinada nação, “em termos de classe, género ou raça, uma cultura nacional procura unificá-los dentro de uma identidade cultural, representando-os como pertencentes à mesma grande família nacional... oferecendo-lhes outros padrões de identificação” (Anderson, 1992, p.8). Zarur (1996) contribui ao definir que:

É um grupo cujos membros têm uma identidade distinta que lhes é atribuída, e sua distinção é baseada em uma cultura e história comuns. Dele o carácter étnico é dado pela identidade étnica baseada na noção de etnia... Os critérios de adesão podem não ser os mesmos para membros do grupo e para aqueles que não pertencem a ele, mas pressupõem o estabelecimento e a manutenção de fronteiras étnicas. A etnia, portanto, oferece um conjunto de identidades culturais e redes sociais que relacionam pessoas a um grupo específico por meio de critérios de inclusão e exclusão que podem mudar ao longo da história (Zarur, 1996, p. 18, 19)

Levamos ainda em consideração que, a construção das fronteiras uruguaias foram estabelecidas após complexas disputas envolvendo os vizinhos da Bacia do Prata. Neste sentido, a soberania da nação esteve em risco até meados do século XX.

Estas fronteiras demarcam o espaço geográfico dentro do qual ela é exercida, a soberania da nação e fora da qual estão as 'outras' nações. O a identidade nacional é constituída pelo estabelecimento de representações, sentimentos e diretrizes sociais que a comunidade assume como próprias e específico dentro dos limites territoriais, endossando assim o espaço definido pelo Estado Nacional (Anderson, 2008, p. 25)

Ou seja, as disputas pela construção e consolidação desta identidade nacional exigiram a criação de narrativas, mitos fundadores, inimigos comuns (neste caso os Charruas) e da heráldica nacional. A atualidade do debate acerca do conceito de identidade se estende pela polissemia do termo. Bhabba (2010) afirma que estas construções são fluidas. Um exemplo disto, é a análise do trecho a seguir:

La Banda Oriental no sólo tenía límites políticos poco claros, sino que carecía de una población que pudiera distinguirse por alguna especificidad étnica, religiosa, lingüística o cultural. Desde el punto de vista étnico, a lo largo del siglo XVIII se fue consolidando el mestizaje de población: europea, indígena y negra que podía encontrarse en amplias zonas de lo que hoy es Argentina y el sur del Brasil. La etnia indígena dominante en términos cuantitativos y culturales fue la guaraní

*(especialmente tras la destrucción de las Misiones Jesuíticas), lo que implicaba un importante aspecto en común con Paraguay. En el terreno religioso, y al igual que ocurría en el resto de la región, el catolicismo era la confesión casi monopólica. Desde el punto de vista lingüístico, si bien en Montevideo se hablaba mayoritariamente el castellano, a medida que se avanzaba hacia el norte del país se iba consolidando un flerte fenómeno de fusión con el portugués. Algunos de los usos sociales más extendidos en la Banda (el predominio del caballo y el modo de emplearlo, el consumo regular del mate y el atuendo de la población rural), se encontraban igualmente difundidos en buena parte de lo que hoy es Argentina, Paraguay y el sur del Brasil*¹⁹(Colom Gonzalez, 2005, p. 15)

O fragmento acima faz parte de um discurso revisionista com um viés tendencioso apontando para as origens da nação uruguaia sob uma perspectiva mítica, citando indígenas brasileiros e paraguaios e ignorando a existência de povos indígenas no Uruguai. A identidade Charrua fora combatida e amplamente desqualificada devido ao seu caráter belicoso e as próprias políticas adotadas pelos governos, a fim de criar / reforçar uma ideia de identidade nacional após a ocupação dos territórios que outrora encampavam as tradições charruas. Afinal,

Após a matança de Salispuedes e as que se sucederam, o fato de ser Charrua ficou encapsulado entre a afirmação oficial de terem desaparecido e o temor a se reconhecer por medo de serem mortos. Ao longo do século XIX, disfarçados como gaúchos no interior e nas periferias dos povos rurais e, grandemente miscigenados com a sociedade não indígena, a identidade charrua ficou nos espaços da memória individual de cada sujeito. Com a afirmação do Estado-nação, o relato oficial os converterá em artigo de lenda, de um passado remoto e inexistente. Eles serão objeto de políticas de esquecimento e negação por parte dos três Estados nacionais (Corte, 2017, p. 13).

Portanto,

Com o processo de consolidação do Estado-nacional uruguaio e a necessária elaboração de narrativas nacionais sobre a identidade, a estratégia foi a de apagamento e negação da existência cultural, social e até individual dos Charrua. A ideia de que o Uruguai é um país sem índios foi ganhando força e subsidiada pelos atos de extermínio executados pelo Estado. Assim, configurou-se uma narrativa do sumiço dos indígenas, reproduzida e amplificada por diferentes aparelhos de produção dos discursos de identidade nacional (Corte, 2017, p. 10-11).

Vidart (2013, p. 26), a esse respeito, afirma que:

¹⁹ A Banda Oriental não só tinha fronteiras políticas pouco claras, como também carecia de uma população que pudesse ser distinguida por qualquer especificidade étnica, religiosa, linguística ou cultural. Do ponto de vista étnico, ao longo do século XVIII, consolidou-se a mistura da população: europeia, indígena e negra, que podia ser encontrada em grandes áreas do que hoje é a Argentina e o sul do Brasil. A etnia indígena dominante em termos quantitativos e culturais foram os Guaraní (especialmente após a destruição das Missões Jesuíticas), o que implicou um importante aspecto em comum com o Paraguai. No campo religioso, e como acontecia no resto da região, o catolicismo era a confissão quase monopolista. Do ponto de vista linguístico, embora o espanhol fosse predominantemente falado em Montevideu, à medida que se avançava para o norte do país, consolidou-se um forte fenômeno de fusão com o português. Alguns dos costumes sociais mais difundidos na Banda (o predomínio do cavalo e a forma de usá-lo, o consumo regular do companheiro e a vestimenta da população rural), também foram difundidos em boa parte do que hoje é a Argentina, Paraguai e sul do Brasil

A Constituição da República Oriental do Uruguai foi firmada na Assembleia Geral de Montevideu, em 24 de agosto de 1966, e suspensa temporariamente em 1973, voltando a vigorar em 1985, com o fim da Ditadura Militar no país, sofrendo apenas algumas reformas em seu texto constitucional, em 1996. Em seu conteúdo, ela não reconhece a existência dos povos originários no Uruguai. A sua única menção aos ameríndios é feita a partir do texto referente ao repatriamento dos restos mortais dos Charrua que foram levados à França, em 1834. O texto diz: “Declárase de interés general la ubicación y posterior repatriación al territorio nacional, de los restos de los indios charrúas Vaimaca Perú, Guyunusa y Tacuabé, fallecidos en la República de Francia. Ley núm. 17.256, 14 de Septiembre de 2000”. Apesar de a Legislação ter estipulado a repatriação ao território nacional dos restos de Vaimacá Perú, não há nenhuma outra referência ao tema indígena na atualidade.

Ou seja, não existe de fato o interesse de se preservar a memória dos Charrua. Ou, para ficar semanticamente mais completo, não se tem o interesse de reconstituir, reconstruir, revelar, rememorar ou qualquer outro verbo sinônimo a memória dos Charrua. Se preza pela reafirmação de que sua língua e sua cultura foram extintas. Ao ponto de o “Uruguai é um dos poucos países na América Latina que não reconhece a população indígena dentro dos limites do seu território” (Iribarne, 2017, p. 43).

De maneira que este “mito de criação da nação uruguaia, “imaginada” por si mesma como descendente dos brancos e “sem índios”, é resultado de um longo processo de ocultação, perseguição e invisibilização dos povos indígenas e não europeus desde a construção do Estado Independente, a partir de 1830” (Iribarne, 2017, p. 43). A complexidade da não aceitação do passado interfere diretamente nas construções sociais e nas relações sociais entre os indivíduos do país. Ao passo em que não se reconhece o outro, como cidadão, e como parte da sociedade com seus direitos e deveres, temos o estreitamento das relações e o fortalecimento do preconceito e conseqüentemente se desrespeita a cultura, deste outro, ou como afirma Galeano no Livro dos Abraços “Que não tem cultura, têm folclore”.

2.1 OS CHARRUAS E A LUTA POR RECONHECIMENTO

Os indícios dos índios Charruas tem seus primeiros registros datados de 1526 na exposição de Gaboto no Cabo de Santa Maria (Punta del Leste) e Rio San Gabriel (Colônia), e depois por Diego Garcia de Moguer, Pero Lopes de Souza, Ulrico Schmidel, Rui Dias de Guzman em Cabo de Santa Maria, no Cabo de Santa Maria, Gonçalo de Fernandez de Oviedo em 1535 e na expedição de Ortiz Zárate em 1537 (Becker; Cabey, 1977).

Os Charruas ocupavam a banda oriental muito antes da chegada dos espanhóis, caracterizavam-se por serem nômades, viviam principalmente da caça, pesca e coleta, e eram

conhecidos por sua forte resistência à colonização, que marcou profundamente sua identidade e relação com o território.

Cuando los españoles llegaron a estos territorios vivían en ellos unos pocos pueblos indígenas. No había ni ciudades, ni carreteras, ni puentes, ni campos cultivados. Nuestros indígenas no habían modificado visiblemente la fisonomía natural del territorio en el que vivían. Los españoles encontraron pastizales y montes que crecían en los cerros y en la orilla de los ríos ²⁰(ANEP, 1996, 142).

Os Charruas não praticavam a agricultura, seu modo de subsistência derivava da exploração dos recursos naturais. Seu espírito combativo era ao mesmo tempo útil durante o processo de independência do país e perigoso para a ocupação das terras, afinal

La nación más numerosa entre todas estas, es la de los charrúas, gente bárbara, que viven como bestias, siempre en el campo o en los bosques, sin casa ni techo. Van vestidos muy a la ligera y siempre a caballo, con arcos, flechas, mazas o lanzas, y es increíble la destreza y velocidad con que manejan sus caballos, lo que por lo demás es habilidad común a casi todas estas naciones; de modo que aunque los españoles sean grandes jinetes, superiores a cualquiera otra nación de Europa; sin embargo es rarísimo el caso de que puedan alcanzar en la carrera ni acometer con la espada un indio ²¹ (Tercera carta del padre Cattaneo, apud Corte, 2017, p. 93).

Portanto, eram tratados como um povo bárbaro, e habilidoso na arte de guerrear. Todavia, suas valências para a guerra e sua cultura acabavam sendo tratadas de forma pejorativa, como vemos no excerto a seguir:

No tienen habitación fija, sino que andan siempre vagabundos, hoy aquí, y mañana allá; y lo mismo hacen los guanoas en la otra banda. Esto ha sido siempre un impedimento grandísimo para su conversión, porque, no estando estables en ninguna parte, es imposible instruirlos ni administrarles los sacramentos, si hoy han de estar en un lugar y mañana en otro. Muchísimo y por largo tiempo han trabajado los padres, por convertirlos; pero hasta ahora no ha sido posible... ²² (Tercera carta del padre Cattaneo, apud Corte, 2017, p. 93).

²⁰ Quando os espanhóis chegaram a esses territórios, ali viviam alguns povos indígenas. Não havia cidades, nem estradas, nem pontes, nem campos cultivados. Nossos povos indígenas não modificaram visivelmente a fisionomia natural do território que habitavam. Os espanhóis encontraram pastagens e montanhas que cresciam nas colinas e nas margens dos rios. (tradução minha)

²¹ A nação mais numerosa entre todas é a dos Charrúas, povo bárbaro, que vive como fera, sempre no campo ou na floresta, sem casa nem teto. Eles estão vestidos com muita leveza e sempre a cavalo, com arcos, flechas, maças ou lanças, e é incrível a habilidade e velocidade com que manejam seus cavalos, habilidade comum a quase todas essas nações; de modo que embora os espanhóis sejam grandes cavaleiros, superiores a qualquer outra nação da Europa; porém, é muito raro que consigam alcançar ou atacar um índio com a espada (tradução minha)

²² Eles não têm habitação fixa, mas estão sempre vagando, aqui hoje e ali amanhã; e as guanoas fazem o mesmo do outro lado. Isto sempre foi um impedimento muito grande à sua conversão, porque, não estando estáveis em parte alguma, é impossível instruí-los ou administrar-lhes os sacramentos, se hoje têm que estar num lugar e amanhã noutro. Os pais trabalharam muito e durante muito tempo para convertê-los; mas até agora não foi possível... (tradução minha).

Os Charruas destacavam-se pelo forte censo de defesa do espaço que estavam ocupando, o fato de serem territorialistas eram um empecilho para o povoamento e consequente desenvolvimento da agropecuária.

Com os primeiros contatos com os espanhóis, os Charrua passaram a se relacionar de maneira diferente com a pecuária, mesmo que de forma rudimentar, bovinos e equinos passaram a fazer parte da sua realidade. Esta rápida adaptação e crescente utilização dos cavalos como arma de guerra, os “caracterizou e mitificou os guerreiros Charruas como exímios combatentes e caçadores. Participaram das diversas guerras e enfrentamentos nas demarcações das divisas dessa região da América do Sul (Brutti Hillesheim, 2022, p. 79). Na mesma linha, Gomes (2017) aponta que

O caráter guerreiro ou belicoso dos Charrua será uma constante em todos os documentos que os descrevem. A produção de relatórios entre os padres jesuítas ou das expedições científicas e de limites do século XVIII (como as de Saldanha ou Azara) fazem alusão a esta característica. Nas narrativas escolares e históricas oficiais (como é o caso de Blanco Acevedo), esse atributo belicoso é acentuado como justificativa da “desaparição” ou “extinção”. Desde uma perspectiva essencialista, se atribui aos Charrua essa permanente atitude de fazer guerra como elemento cultural inerente. Aqui me interessa chamar a atenção sobre a eficácia dos primeiros relatos no que diz respeito a nomear e associar algumas características a esse etnônimo, já que é a partir de uma apreciação pessoal, condicionada por um “contexto específico de produção” (PACHECO, 1980), que a literatura posterior, considerada moderna e científica, se apropria dessa construção imagética sobre os “Charrua” para explicar e fundamentar o seu extermínio, usando como justificativa o caráter guerreiro do mesmo (Corte 2017, p. 62).

Ao longo de dois séculos, os indígenas estavam lutando pela ocupação de seus espaços enquanto a coroa espanhola buscava construir suas cidades e consolidar o povoamento e a imposição da fé católica por toda a região. A convivência entre espanhóis e charruas sempre fora belicosa ao longo do processo de ocupação e de cerceamento das terras. Ao ponto de os grupos indígenas serem obrigados a ocuparem espaços no interior do país.

Nos anos seguintes, devido ao processo de cercamento das terras no Uruguai, a presença indígena passou aos espaços mais interioranos. Como regiões ao norte do país, por exemplo, a região do atual Departamento de Tacuarembó. O modelo de sociedade vislumbrado e consolidado pelos que contribuíram e se beneficiaram com tais medidas do governo, posteriores a criação da República, em 1830, não aceitava indivíduos perambulando pelos campos próximos as propriedades, saqueando as estâncias e roubando o gado. Era necessário que ocorressem mudanças que garantissem a manutenção dessa sociedade. Trata-se de um processo de homogeneização de um modelo social que não previa espaço para as diferenças étnicas e culturais (Cadaval, 2013, p. 30).

O primeiro passo de cercear as liberdades dos Charruas, obrigando-os a dirigirem-se ao interior acabou gerando ondas de violência e de combates entre espanhóis e Charruas. A mais sangrenta das batalhas foi em Salsipuedes em 1831, onde os Charruas foram praticamente dizimados:

A destruição física e cultural desse povo começou a ser concretizada na Matança de Salsipuedes (11 de abril de 1831) e foi seguida por outras perseguições nos anos subsequentes. Os sobreviventes, na sua maioria mulheres e crianças, foram explorados em serviços domésticos nas fazendas e na cidade de Montevidéu, separando mães e filhos, diluindo os laços familiares, comunitários e linguísticos (Corte, 2017, p. 11).

Com essa “declaração de guerra”, os Charruas foram obrigados a se dispersarem, viram seus territórios serem invadidos e ocupados e principalmente se aculturarem para se ocultarem e não sofrerem maiores perseguições:

A partir desse evento traumático coletivo, os Charrua dispersados à força, dizimados e com seus territórios invadidos, optaram pela miscigenação, o ocultamento e a fuga. Alguns deles se refugiaram junto a outros povos indígenas, como os Toba ou Wichi na Argentina; os Guarani ou os Kaingang no Brasil; ou em núcleos familiares isolados no meio da floresta na região distante dos centros povoados. Outros viraram gaúchos, o mestiço pampiano, peão de estância ou agregado ou “puestero” (Corte, 2017, p. 11).

Iribarne (2017, p. 43) detalha outras campanhas de extermínio dos Charrua:

As campanhas de extermínio se estenderam sobre os anos 1830, como a campanha Yacaré Cururú, realizada na mesma região em 1832. Ali o presidente já não estaria à frente da batalha, mas sim um sobrinho seu, Bernabé Rivera, que segundo arquivos datados desse mesmo ano teria sido morto pelos charrúas em vingança por Salsipuedes

O surgimento do mestiço pampeano, neste sentido, foi um reflexo do processo de miscigenação e desaparecimento dos Charrua, que

Como consequência desse processo de segregação, o abismo social que se constituiu entre esses segmentos da sociedade em transformação fez dos Charrua clandestinos em seu próprio território. Pela inadequação ao novo modelo sócio-político que os tinha como —desordeiros! e que tratava a terra como propriedade privada de alguns poucos indivíduos, os Charrua foram cada vez mais impelidos a ocuparem espaços cada vez mais afastados dos centros urbanos que se levantavam em seu (próprio) território. Dessa maneira, ocorreu que muitos indivíduos que escaparam desses ataques e do cárcere, terminaram por permanecer escondidos em espaços que viraram latifúndios (Cadaval, 2013, p. 30)

A perseguição sofrida pelos Charrua fez com que a resistência se tornasse insustentável. As políticas adotadas pelo governo aliada a truculência das ações, de acordo com Acosta y Lara

(1981, p. 13), “os que no foram mortos foram feitos cativos e obrigados a integrar se al grupo familiar que havia sido asignado”. Obrigando-os a permanecer “en las afueras de Montevideo no practicantes, muchos de ellos regresaron a la campaña se extendió por las oficinas, que ocupan las tareas rurales más diversos” (Acosta y Lara, 1981, p.13).

Após 150 anos temos o ressurgimento da luta por reconhecimento da descendência indígena principalmente com o fortalecimento das organizações indígenas após o encerramento da ditadura militar que governou o país entre 1973-1985. Com isso,

No Uruguai, como resultado da luta das organizações indígenas, obteve-se do poder público algumas conquistas simbólicas e formais importantes como: a repatriação dos restos de Vaimaca Perú, os quais se achavam no Museu do Homem, em Paris desde 1834 (2002); a declaração do “Dia da Nação Charrua e da Identidade Indígena” - oficializada em 2009, no 11 de abril de cada ano (data da matança de Salsipuedes de 1831) -; e a integração no último Censo Populacional (2011) da pergunta sobre a descendência indígena. Atualmente, existe um projeto de lei para mudar o nome da comemoração da chegada de Colombo no dia 12 de outubro de “Dia da Raça” para “Dia da resistência indígena e afrodescendente”, e se procura o reconhecimento e a consequente execução da Convenção 169 da OIT pelo regime jurídico uruguaio, sendo um dos poucos países do continente que optou em não o ratificar junto com o Suriname.

Estes movimentos amplificados

A partir de 1989, no Uruguai, os – inicialmente – chamados descendentes de Charrua ou descendentes de indígenas começaram a se organizar à procura da reivindicação de uma identidade indígena e pela revisão histórica do discurso de extermínio e invisibilização. As interações com outros povos indígena, assim como o fortalecimento do movimento, levou ao surgimento de várias organizações espalhadas por boa parte do território nacional com diferentes reivindicações e estratégias de militância. Em 2005, formou-se o Conselho da Nação Charrua (CONACHA) que reúne organizações, agrupações ou comunidades – como comumente são denominadas– de Montevideo e do interior do país. Vale lembrar que nem todas as organizações existentes no território uruguaio formam parte ativa do CONACHA

Em 2009, vinte anos após as primeiras movimentações destes grupos, fora oficializado o “Dia da nação charrua e da identidade indígena”, e na ocasião o ex-presidente Julio María Sanguinetti, proferiu uma fala contraria a criação da data e preconceituosa acerca do povo Charrua:

No hemos heredado de ese pueblo primitivo ni una palabra de su precario idioma, ni el nombre de un poblado o una región, ni aun un recuerdo benévolo de nuestros mayores, españoles, criollos, jesuitas o militares, que invariablemente les describieron como sus enemigos, en un choque que duro más de dos siglos y les enfrentó a la sociedad hispano-criolla que sacrificadamente intentaba asentar

*familias y modos de producción, para incorporarse a la civilización occidental a la que pertenecemos*²³ (Sanguinetti, 2009).

Daniel Vidart (2011) por sua vez afirma que: *“Pese a la arremetida mediática y misional de quienes se proclaman indios charruas, no es preciso ser antropólogo para responderles que en la actualidad no pervive ningún representante de las etnias halladas en nuestro actual territorio por el conquistador europeo*²⁴”. Esta opinião é um retrato da narrativa oficial consolidada em terras onde os povos Charruas habitaram. Para Verdesio (2005) eles buscavam depreciar a imagem dos Charruas a fim de consolidar a narrativa de que *“El país es imaginado como una nación europea, con prescindencia de la contribución indígena y de cualquier contribución no-occidental, como la africana*²⁵” (Verdesio, 2005, p. 5).

Cabe aqui, reforçar que

Os Charrua foram expulsos de seus territórios, sistematicamente perseguidos pelas forças coloniais e pelo exército republicano, quem concretizou o genocídio. Como resultado dessas políticas, suas unidades territoriais foram invadidas e reduzidas, os sobreviventes dispersados refugiaram-se com outros povos. Separou-se as mães de seus filhos, e foram repartidos e submetidos ao serviço doméstico nas fazendas e na cidade. Obrigados a fugir, muitos emigraram, se esconderam no mato, silenciaram a sua língua, perdida na luta pela sobrevivência individual, pois era necessário evitar ser percebido. Sequestrados e sem consentimento, representantes Charrua foram levados à França para serem expostos nos chamados “zoológicos humanos” como feras, peças de circo, evidências de primitivismo. Forçados ao silenciamento, elaboraram o trauma da matança coletiva, das perseguições e violências sofridas, sozinhos, na solidão. Foram impedidos de ser o que eram, porque não aceitaram abrir mão das suas formas de viver e de pensar (Corte, 2017, p. 122).

Por isso, “recuperar uma identificação estigmatizada pela discriminação social não é um processo pessoal ou social simples, isento de conflitos existenciais...se trata...da adoção deliberada de uma condição tradicionalmente subalterna, à qual se pretende imprimir uma nova dignidade” (Bartolome, 2006, p. 58). O ponto principal deste processo é compreender que o surgimento dos movimentos a favor da causa dos Charrua, pressupõe a criação e o fortalecimento de

²³ Não herdamos daquele povo primitivo uma palavra da sua língua precária, nem o nome de uma cidade ou de uma região, nem sequer uma memória benevolente dos nossos mais velhos, espanhóis, crioulos, jesuítas ou soldados, que invariavelmente os descreviam como seus inimigos, num confronto que durou mais de dois séculos e os confrontou com a sociedade hispano-crioula que tentou sacrificadamente estabelecer famílias e modos de produção, para se juntar à civilização ocidental à qual pertencemos (tradução minha).

²⁴ “Apesar da investida midiática e missionária daqueles que se autoproclamam índios Charrua, não é necessário ser antropólogo para responder-lhes que atualmente nenhum representante dos grupos étnicos encontrados em nosso atual território pelo conquistador europeu sobrevive (tradução minha)”.

²⁵ “O país é imaginado como uma nação europeia, independentemente da contribuição indígena e de qualquer contribuição não ocidental, como a africana” (tradução minha).

Charruas e de descendentes por todo o país, os quais desde os anos 1980 vêm lutando por visibilidade, reconhecimento e direitos” (Iribarne, 2017, p. 43). De maneira que seu surgimento e atuação reivindicando seus direitos historicamente negados “tem provocado questionamentos acerca das raízes míticas sobre as quais se assentam os ideais e as representações nacionais, tão arraigados em uma população que “imagina” a si mesma como homogênea, moderna e particularmente europeizada” (Iribarne, 2017, p. 43).

O reconhecimento das tradições e da cultura destes grupos pode gerar uma profunda transformação na sociedade uruguaia. Talvez por isso, este movimento ainda esteja longe de efetivar todas as suas demandas.

3 OS CHARRUAS VIVEM?

A política de apagamento dos Charrua da história uruguaia é fruto dos tensionamentos e das construções sociais que solidificam as narrativas oficiais, com monumentos, heráldica e tradições criadas para ser o elemento que liga todos estes processos. Hobsbawm (2012, p.08) trata como tradições inventadas um conjunto de práticas, “normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”.

O general Artigas, por exemplo era usado pelo governo Batllista como exemplo de valores da pátria, mesmo sendo uma figura no mínimo complexa de ser analisada, já que sua figura “se prestou tanto para enaltecer os valores militares durante a ditadura, já que era um general, quanto para simbolizar o libertador e revolucionário, nos tempos da presidência do Frente Amplo” (Moraes, 2013, p.31), portanto, “nem sempre é fácil traçar uma linha de separação entre passado mítico e passado real, um dos nós de qualquer política de memória em qualquer lugar.” (Huyssen, 2004, p. 16).

A produção dos sentidos por meio das culturas nacionais, “sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (Hall, 2011). De maneira que, “a memória de uma sociedade é negociada no corpo social de crenças e valores, rituais e instituições. No caso específico das sociedades modernas, ela se forma para espaços públicos de memória tais como o museu, o memorial e o monumento” (Huyssen, 2004, p. 68). O Uruguai,

es un país que se piensa a sí mismo como “país sin indios”. La imagen que predomina (y que el Estado ha contribuido a construir) es la de una sociedad conformada por gran número de ciudadanos de ascendencia europea, con valores occidentales y vocación cosmopolita. Durante décadas, las narrativas de la nación han ido relegando a los indígenas a un papel meramente decorativo y distante, a un elemento casi exótico de la vida del país ²⁶(Verdesio, 2014, p. 89).

Ou ainda:

²⁶ É um país que se considera um “país sem índios”. A imagem que predomina (e que o Estado tem contribuído para construir) é a de uma sociedade constituída por um grande número de cidadãos de ascendência europeia, com valores ocidentais e uma vocação cosmopolita. Durante décadas, as narrativas da nação relegaram os povos indígenas a um papel meramente decorativo e distante, a um elemento quase exótico da vida do país.

Ni hoy por hoy, ni ayer por ayer, somos o fuimos indios, ni puros, como mentía Hidalgo, a fuerza de ser un rabioso antigodo, ni mestizos palmarios, como los que brotan a lo largo de las rurales veredas colombianas o desde el fondo agrícola de las hoyas ecuatorianas. Somos un país de gente intensamente europeizada, tanto somática como culturalmente. El indio fue, es cierto, el dueño primitivo de nuestro territorio, tal cual nos enseñan los textos escolares. Nosotros venimos a ser, nos guste o no, quienes aprovecharon el trabajo sucio de sus verdugos, ya los espadachines de Garay, ya los fusileros de Rivera²⁷ (Vidart, 2012, p 295)

Neste cenário, buscamos compreender como as representações acerca da figura dos Charrua se faz presente no cotidiano do Uruguai, sob a perspectiva que aponta a importância destes imaginários para as construções sociais.

El dispositivo imaginario asegura a un grupo social un esquema colectivo de interpretación de las experiencias individuales tan complejas como variadas, la codificación de expectativas y esperanzas así como la fusión, en el crisol de una memoria colectiva, de los recuerdos y de las representaciones del pasado cercano o lejano. ²⁸(Baczko, Betesh, 1991, p. 30)

A priori, utilizaremos como representações da “garra charrua” o futebol e o surgimento do termo, no álbum do centenário e do bicentenário da independência uruguaia, e por fim em músicas.

3.1 O FUTEBOL E A GARRA CHARRUA

O início do século XX foi especialmente profícuo para o futebol uruguaio com as vitórias nas Olimpíadas de 1924 e 1928, a vitória na copa de 1930 e a vitória no Sul-Americano de 1935, ao ponto de o país ser considerado a “Suíça de América” (Bayce, 2003). É neste período que surge o mito da garra charrua (guerreiros ferozes, rebeldes e indômitos) para descrever o escrete nacional. A mística sobre a seleção vem da

La victoria uruguaya en los Juegos Olímpicos de Paris en 1924 y la exitosa gira de Boca Juniors – un equipo de primera división- através de varios países europeos en 1925, confirmaría la existencia de un fútbol “rioplatense” diferente del fútbol europeo e inglés. Hasta 1925, año de la gira de Boca, los argentinos eran más ingleses que los uruguayos incluso en la percepción de los mismos jugadores

²⁷ Nem hoje, nem ontem, somos ou fomos índios, nem puros, como mentiu Hidalgo, por ser um antigótico raivoso, nem mestiços óbvios, como aqueles que brotam dos caminhos rurais colombianos ou da agricultura de base do Equador. vales. Somos um país de pessoas intensamente europeizadas, tanto somaticamente como culturalmente. O índio foi, é verdade, o primitivo dono do nosso território, como nos ensinam os livros escolares. Tornamo-nos, queiramos ou não, aqueles que se aproveitaram do trabalho sujo dos seus algozes, tanto os espadachins de Garay como os fuzileiros de Rivera.

²⁸ O dispositivo imaginário garante a um grupo social um esquema coletivo de interpretação de experiências individuais tão complexas quanto variadas, a codificação de expectativas e esperanças bem como a fusão, no cadinho de uma memória coletiva, de memórias e representações do passado perto ou longe

*uruguayos (EL GRÁFICO N. 190, 1923:4, Y N. 205, 1923:15). Los europeos contribuyeron a este cambio a través de su propia definición del fútbol “rioplatense” practicado tanto por argentinos como por uruguayos*²⁹. (Archetti, 2003- 95)

O auge da representação da garra charrua se dá na Copa de 1950 onde Obdulio Varela é tratado como a personificação desta garra. Para Bayce (2014)

*Sin embargo, todo este complejo pero comprensible imaginário identitario paulatinamente conformado sufre una muy fuerte inflexión cuando triunfa en sudamericanos, olimpiadas y mundiales repetidamente; y el mundo los celebra como maestros y mejores del mundo. Ya la autoestima construida desde el fútbol le reclama repetir como obligación patriótica a los futuros deportistas. Será una pesada mochila de gloria insuperable que perjudicará el rendimiento de todos los futuros representantes celestes, anímicamente cargados con Nasazzi, Scarone, Petrone, Pendibiene, Lorenzo Fernández, Cea, Andrade y otros multicampeones. Cualquier derrota es temida como decadencia; sólo campeónar es festejable, toda otra clasificación es fracaso y los fracasados casi traidores de los semidioses ancestrales. O no se tiene “garra”, o no se tiene fibra patriótica; no es pensable que no sean los mejores y no lo prueben. El pequeño se aburrió de ser el mejor, lo exige, se lo autoexige y no se conforma con otra cosa: la ebriedad de copas producirá infelicidad relativa y desmedidas exigencias para los nuevos deportistas. El pequeño orgulloso se transforma en grande temeroso de caer del pedestal*³⁰. (Bayce, 2014, p. 57-58)

É complexo abordar a expressão garra charrua a partir do que fora exposto anteriormente, tendo em vista a negação da existência dos Charrua pela narrativa oficial uruguaia. “Contudo, todo esse imaginário identitário complexo, mas compreensível, formado gradativamente, sofre uma inflexão muito forte ao triunfar repetidamente em Copas Sul-Americanas, Olímpicas e Mundiais; e o mundo os celebra como professores e os melhores do mundo”, os resultados quando aparecem produzem uma espécie de catarse coletiva, e as derrotas criam o vexame. Bayce (2014) é taxativo ao afirmar que “; Só vencer é comemorar, qualquer outra classificação é fracasso e os fracassados são quase traidores dos semideuses ancestrais. Ou você não tem “coragem” ou não tem fibra patriótica; Não é concebível que não

²⁹ A vitória uruguaia nos Jogos Olímpicos de Paris em 1924 e a turnê de sucesso do Boca Juniors – uma equipe de primeira divisão – por vários países europeus em 1925, confirmaria a existência de um futebol “rioplatense” diferente do futebol europeu e inglês. Até 1925, ano da turnê do Boca, os argentinos eram mais uruguaios. (EL GRÁFICO N. 190, 1923:4, Y N. 205, 1923:15). Os europeus contribuíram para esta mudança através da sua própria definição de futebol “rioplatense”, jogado tanto por argentinos como por uruguaios.

³⁰ Contudo, todo esse imaginário identitário complexo, mas compreensível, formado gradativamente, sofre uma inflexão muito forte ao triunfar repetidamente em Copas Sul-Americanas, Olímpicas e Mundiais; e o mundo os celebra como professores e os melhores do mundo. A autoestima construída a partir do futebol já exige a repetição como obrigação patriótica dos futuros atletas. Será uma mochila pesada de glória intransponível que prejudicará o desempenho de todos os futuros representantes celestes, sobrecarregados emocionalmente com Nasazzi, Scarone, Petrone, Pendibiene, Lorenzo Fernández, Cea, Andrade e outros multicampeões. Qualquer derrota é temida como um declínio; Só vencer é comemorar, qualquer outra classificação é fracasso e os fracassados são quase traidores dos semideuses ancestrais. Ou você não tem “coragem” ou não tem fibra patriótica; Não é concebível que não sejam os melhores e não experimentem. O pequeno se cansou de ser o melhor, exige isso, exige de si mesmo e não se contenta com mais nada: a embriaguez das bebidas produzirá relativa infelicidade e exigências excessivas para os novos atletas. O pequeno orgulhoso vira grande, com medo de cair do pedestal.

sejam os melhores e não experimentem”. Falar de ancestralidade nos faz questionar qual é o ancestral?

Outro aspecto interessante é o surgimento do termo mestiçagem. Reiteramos, se nega a existência, mas se valoriza a mestiçagem. A hibridização cultural em questão é mistura das culturas que criam elementos a partir deste intercâmbio, o futebol é uma ferramenta interessante para compreender este processo, pois a garra charrua poderia ser incorporada por outra nação utilizando-se de outro nome, mas amparada no exemplo uruguaio. Assim,

La idea de mezcla, de mestizaje, es central en los intelectuales que desarrollan la teoría de la hibridación cultural, en donde en el intercambio en esa práctica cultural que es jugar al fútbol se produce un nuevo híbrido que es el estilo nacional de jugar, que mezcla el coraje, la picardía, y la habilidad latina entronizada en la gambetta; com um agregado que será fundamental luego del Sudamericano de 1935 y es la garra charrúa. Esta es fundamental para diferenciarnos y afirmarnos frente a nuestra principal alteridad, Argentina. Las alternativas periodísticas que fundan el estilo criollo son complementarias com los relatos nacionalistas que veremos desarrollarse en los textos escolares³¹ (Morales, 2013, p. 133)

Esta troca cultural foi por exemplo uma das ferramentas que popularizou o futebol, criando estereótipos, como o da garra charrua e o papel que atletas como Obdulio Varela tinha neste contexto, principalmente quando os meios de comunicação adotam como sua a prática:

Es este uno de los tantos ejemplos de construcción de representaciones colectivas a partir de una mezcla de narrativas épicas periodistas impuestas como explicaciones diletantes en la opinión pública. La influencia de los mass-media no es nueva; siempre construyó el inconsciente colectivo y los estereotipos creando y combinando autoimágenes y heteroimágenes. Es un apasionante proceso de seguimiento discursivo y narrativo que el Uruguay se debe, tanto desde sus periodistas especializados como de sus científicos Sociales³² (Bayce, 2003, p. 168)

A garra charrua é, portanto, um elemento que diferencia, neste caso, os esportistas uruguaios dos esportistas de outros países. A própria utilização do termo endógeno reforça que são apenas os uruguaios que possuem tal força:

³¹ A ideia de mistura, de mestiçagem, é central para os intelectuais que desenvolvem a teoria da hibridização cultural, onde na troca naquela prática cultural que é jogar futebol, se produz um novo híbrido, que é o estilo nacional de jogar, que mistura coragem, travessura e habilidade latina entronizada na gambetta; com um acréscimo que será fundamental após o Sul-Americano de 1935 e é a garra de charrua. Isto é essencial para nos diferenciarmos e nos afirmarmos contra a nossa principal alteridade, a Argentina. As alternativas jornalísticas que fundaram o estilo crioulo são complementares às histórias nacionalistas que veremos desenvolvidas nos livros escolares

³² Este é um dos muitos exemplos de construção de representações coletivo a partir de uma mistura de narrativas jornalísticas épicas impostas como explicações diletantes à opinião pública. A influência dos meios de comunicação de massa não é nova; Ele sempre construiu o inconsciente coletivo e os estereótipos criando e combinando autoimagens e heteroimagens. É um emocionante processo de monitoramento discursivo e narrativo ao qual o Uruguai se deve, tanto por parte de seus jornalistas especializados como de seus cientistas sociais.

Si el estereotipo endogenerado de la “picardia” nos diferenciaba como rioplatenses del resto del mundo en la autoimagen adoptada pela opinión pública desde la épica narrativa periodística, la garra “charrúa” o “celeste” (mientras que los charrúas eran los más famosos e indómitos aborígenes que habitaban el ahora Uruguay, el celeste es el color de la camiseta nacional y uno de los de la bandera) era nuestra “diferencia específica” con los argentinos, más allá de la común picardía que nos distinguía del resto del mundo futbolístico. Esta fue otra autoimagen endogenerada que se exportó con éxito y que contribuyó a nuestro atraso técnico, táctico y de entrenamiento que tancaro costó reconocer y que no terminamos de superar, aunque También es cierto que contribuyó a lograr triunfos importantes en lo deportivo, no sólo futbolísticos³³. (Bayce, 2003, p.168-169)

É contraditório pensar em garra charrua e analisar a constituição da narrativa oficial da independência e da constituição do estado nacional uruguaio. Se quer as qualidades dos Charrua, mas não se quer seu fenótipo na população.

3.2 REPRESENTAÇÕES NO ÁLBUM DO CENTENÁRIO INDEPENDÊNCIA DO URUGUAI

Primeiramente, é necessário que compreendamos que estas representações são fundamentais para a construção de uma identidade nacional, bem como o fomento da ideia de interesses comuns do grupo, como:

Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência. É, portanto absolutamente adequado falar, como faz Henry Rousso, em memória enquadrada, um termo mais específico do que memória coletiva.” (Pollak, 1989, p. 4)

Neste sentido, os álbuns de aniversário da independência são fundamentais para a compreensão da identidade que se quer reforçar e a narrativa que se pretende adotar como a “definitiva” para explicar todos os processos que acarretaram a independência, construção da identidade nacional, mitos fundadores e personagens de destaque. O Álbum oficial do

³³ Se o estereótipo endógeno da “picardia” nos diferenciou como ribeirinhos do resto do mundo na autoimagem adotada pela opinião pública a partir da narrativa jornalística épica, a garra “charrua” ou “celeste” (enquanto os charrúas foram os aborígenes mais famosos e indomados que viveram no que hoje é o Uruguai, azul claro é a cor da camisa nacional e uma da bandeira) foi a nossa “diferença específica” com o Argentinos, além das travessuras comuns que nos distinguiam do resto do mundo do futebol. Esta foi mais uma autoimagem que foi exportada com sucesso e que contribuiu para o nosso atraso técnico, táctico e formativo muito difícil de reconhecer e que não acabámos de ultrapassar, embora também seja verdade que contribuiu para alcançar triunfos importantes no desporto, não apenas futebol.

centenário da independência uruguaia de 1925 traz uma série de informações que remontam ao caráter ufanista dos processos de construção da identidade nacional.

Ningún pueblo de América Latina, en su epopeya libertadora, abatió los obstáculos del Uruguay para obtener el reconocimiento de su soberanía. Y ninguno realizó, en el limitado espacio de una centuria^ tales progresos y adelantos como el nuestro en las manifestaciones múltiples de su economía, de su cultura intensiva, en la obra integral de su legislación avanzada y de sus instituciones republicanas, com la fertilidad sorprendente de su suelo, la variada riqueza de su territorio y la clara visión de sus hijos sobre el destino reservado a nuestra nacionalidad. Para los que conocen el Uruguay por meras referencias geográficas, sorprenderá el esfuerzo gigantesco realizado por un país joven como el nuestro, para ocupar la situación de honroso prestigio que ocupa en la vida internacional de las naciones civilizadas, en sus relaciones comerciales con el resto del orbe, por la capacidad progresiva de su ambiente abierto a todas las tendencias renovadoras, a todas las corrientes fecundas del trabajo, a todas las nobles expresiones del pensamiento humano³⁴ (Gomez, 1925, p. 06).

Ao apontar a epopeia da constituição do estado nacional reforçando um trabalho árduo em um espaço de um século com uma economia múltipla e “sua cultura intensiva, na obra integral de sua legislação avançada e de suas instituições republicanas, com a surpreendente fertilidade de seu solo, a variada riqueza de seu território e a **clara visão de seus filhos sobre o destino reservado à nossa nacionalidade**”. A parte grifada é um elemento complexo, pois remonta à uma ideia de onde quer chegar, e isso exclui todos aqueles não se enquadram nos interesses do grupo dominante. Falar em posição “de honroso prestígio que ocupa na vida internacional das nações civilizadas” trata todas aquelas nações que não seguem as tendências europeias como não civilizadas.

Com relação aos Charrua, o álbum os trata como:

Los charrúas eran los más bravios indígenas de nuestro país. Suresidencia inquieta y no bien precisada por los cronistas, estaba circunscrita más o menos por los siguientes términos geográficos: al norte, el río Yí; al oeste, las lagunas de Maldonado sin tocar propiamente el actual departamento de Rocha por la peligrosa proximidade de los arachanes; al Sur, el Río de la P lata; al oeste, el Río Uruguay. Este último límite, sobre todo, es muy discutible, por cuarto los caracteres de esta tribu, aunque poco estudiados, han sido econocidos en el Delta del Paraná y aún en la actual provincia argentina de Santa Fe. El explorador español don Antonio Ulloa

³⁴ Nenhum povo da América Latina, em sua epopeia libertadora, enfrentou os obstáculos do Uruguai para obter o reconhecimento de sua soberania. E nenhum realizou, no espaço limitado de um século, tantos progressos e avanços como o nosso, nas múltiplas manifestações de sua economia, de sua cultura intensiva, na obra integral de sua legislação avançada e de suas instituições republicanas, com a surpreendente fertilidade de seu solo, a variada riqueza de seu território e a clara visão de seus filhos sobre o destino reservado à nossa nacionalidade. Para aqueles que conhecem o Uruguai apenas por referências geográficas, surpreenderá o gigantesco esforço realizado por um país jovem como o nosso, para ocupar a posição de honroso prestígio que ocupa na vida internacional das nações civilizadas, em suas relações comerciais com o restante do mundo, pela capacidade progressista de seu ambiente, aberto a todas as tendências renovadoras, a todas as correntes fecundas do trabalho, a todas as nobres expressões do pensamento humano.

dice que los harrúas del Paraná, designados bajo el nombre de Guagnagnas , eran más tratables porque cultivaban tierras y no acogían a los prófugos de las reducciones y villas coloniales

E los Charrúas no tuvieron nunca más de 600 guerreros en su milicia activa, apesar de lo cual fueron los más tenaces defensores del suelo oriental contra la civilización española.

Su carácter era reconcentrado, feroz, agresivo, receloso de toda extraña ingerencia; odiaban la religión cristiana, y el general Brito del Pino, en su diario de 1826, certificó la repulsión de los charrúas hacia las imágenes y los símbolos visibles de ella. Su indumentaria era casi inexistente, fuera de algunas plumas de ñandú en la cintura; su ebriedad habitual; su higiene desastrosa, pues gustaban restregarse en las achuras del ganado. Eran la vanguardia de los aborígenes uruguayos y si bien ocupaban regiones de abundantes corrientes marítimas y fluviales, no sabían navegar sino en canoas primitivas y de calado escasísimo sin alejarse más de un klm. y medio de tierra firme, como cuando Ortiz de Zárate se refugió en la isla de San Gabriel en Colonia, distante pocos metros de la costa sin que los charrúas irritados contra él y los suyos hubieran osado atacarle allí³⁵ (Gomez, 1925, p. 18)

Eles eram tratados como os mais “bravos”, sem residência fixa, espalhados até no Delta do Paraná (Santa Fé, Argentina). Tratam as tribos de guerreiros, que normalmente não ultrapassava 600 guerreiros com “milícia ativa”. Destacavam que mesmo em número relativamente pequeno, “foram os mais tenazes defensores do território oriental contra a civilização espanhola”. É destacado ainda que “caráter era introspectivo, feroz, agressivo e desconfiado de qualquer interferência externa”. Na sequência temos um elemento que busca consolidar ainda mais a ojeriza aos Charrua: “Odiavam a religião cristã, e o general Brito del Pino, em seu diário de 1826, atestou a repulsa dos charruas às imagens e símbolos visíveis dessa fé”. Naquele período o país ainda tinha forte influência do catolicismo mesmo com o advento do Batllismo. Cabe o destaque aos costumes que apresentaram no álbum, sempre buscando uma conotação pejorativa: “limitada a algumas penas de ema na cintura; seu estado de embriaguez

³⁵ Os charruas eram os indígenas mais bravos do nosso país. Sua residência instável e pouco precisa, segundo os cronistas, estava circunscrita mais ou menos pelos seguintes limites geográficos: ao norte, o rio Yí; ao leste, as lagoas de Maldonado, sem propriamente alcançar o atual departamento de Rocha, devido à perigosa proximidade dos arachanes; ao sul, o Rio da Prata; e ao oeste, o Rio Uruguai. Este último limite, sobretudo, é bastante discutível, já que as características dessa tribo, embora pouco estudadas, foram reconhecidas no Delta do Paraná e até mesmo na atual província argentina de Santa Fé. O explorador espanhol Don Antonio Ulloa mencionou que os charruas do Paraná, designados sob o nome de "Guagnagnas", eram mais tratáveis porque cultivavam terras e não acolhiam os fugitivos das reduções e vilas coloniais.

Os charruas nunca tiveram mais de 600 guerreiros em sua milícia ativa, apesar disso, foram os mais tenazes defensores do território oriental contra a civilização espanhola. Seu caráter era introspectivo, feroz, agressivo e desconfiado de qualquer interferência externa. Odiavam a religião cristã, e o general Brito del Pino, em seu diário de 1826, atestou a repulsa dos charruas às imagens e símbolos visíveis dessa fé. Sua vestimenta era quase inexistente, limitada a algumas penas de ema na cintura; seu estado de embriaguez era habitual, e sua higiene desastrosa, pois tinham o hábito de esfregar-se nas entranhas dos animais abatidos.

Eram a vanguarda dos povos indígenas uruguaios e, embora ocupassem regiões de abundantes correntes marítimas e fluviais, não sabiam navegar, exceto em canoas primitivas de baixíssimo calado, nunca se afastando mais de um quilômetro e meio da terra firme. Foi assim que, quando Ortiz de Zárate se refugiou na Ilha de San Gabriel, em Colônia, distante poucos metros da costa, os charruas, apesar de irritados contra ele e os seus, não ousaram atacá-lo ali.

era habitual, e sua higiene desastrosa, pois tinham o hábito de esfregar-se nas entranhas dos animais abatidos”.

Mais adiante, temos mais características descritas com o intuito de causar estranheza/incivilidade:

Eran todos estos indios de genio taciturno, poco habladores, n o practicaban el bullicio de la danza y de la música. Estas dos diversiones, sin embargo, los conquistaban y seducían invenciblemente.

La libertad era su gran pasión y la desorganización política y social en que vegetaban a esa pasión debióse siempre. El más cruel individualismo consti tuía su norma vital, por lo cual no progresaron nunca en sus tribus ni la moral ni el vivir material. Vivían al día, sin previsión alguna; no conocieron la escritura y el recuerdo familiar no pasaba nunca de dos o tres generaciones. Tenían, pues, la existencia meramente instintiva, desprovista de ideas generales y de esperanzas nltraterrenas, ni siquiera consta cual fuera su noción de lo infinito.

No eran agradecidos; odiaban al extranjero; la amistad misma entre ellos era cosa peregrina, fuera de la hermandad en el combate.

La poligamia de los charrúas es cosa probada. Pero por no tener régimen alguno en nada tampoco dejaron de ser monógamos³⁶ (Gomez, 1925, p. 18-19).

Aponta a obra, que eram taciturnos, não dançavam, nem produziam músicas, mas eram seduzidos por elas. Ou seja, eram tratados como promíscuos e poligamicos e isso os levava a transformar a liberdade em sua “grande paixão”, e com isso, “a desorganização política e social em que viviam sempre foi consequência dessa paixão. O individualismo extremo constituía sua norma vital, razão pela qual nunca progrediram, nem moralmente nem no plano material, dentro de suas tribos”. Eram tratados como seres que só pensavam em seu presenta, com uma cultura limitada, pois “não conheciam a escrita, e a memória familiar raramente ia além de duas ou três gerações. Assim, sua existência era puramente instintiva, desprovida de ideias gerais e de esperanças ultraterrenas, e não se sabe ao certo qual era sua concepção do infinito”. É reforçado ainda mais, seu caráter belicoso: “não eram gratos; odiavam o estrangeiro; e a própria amizade entre eles era algo raro, exceto pela fraternidade no combate”.

³⁶ Todos esses indígenas tinham um temperamento taciturno e eram pouco faladores, não praticavam o alvoroço da dança e da música. No entanto, essas duas formas de diversão os conquistavam e seduziam de maneira irresistível.

A liberdade era sua grande paixão, e a desorganização política e social em que viviam sempre foi consequência dessa paixão. O individualismo extremo constituía sua norma vital, razão pela qual nunca progrediram, nem moralmente nem no plano material, dentro de suas tribos. Viviam apenas para o presente, sem qualquer tipo de previsão; não conheciam a escrita, e a memória familiar raramente ia além de duas ou três gerações. Assim, sua existência era puramente instintiva, desprovida de ideias gerais e de esperanças ultraterrenas, e não se sabe ao certo qual era sua concepção do infinito.

Não eram gratos; odiavam o estrangeiro; e a própria amizade entre eles era algo raro, exceto pela fraternidade no combate.

A poligamia entre os charruas é um fato comprovado. No entanto, pela ausência de qualquer regime ou organização em suas vidas, também não deixaram de ser monogâmicos em alguns casos.

Os demais grupos indígenas também foram abordados entre as páginas 18 a 20, todavia, não podemos deixar passar que na página 06, tínhamos a tônica do que seria a interpretação acerca dos povos indígenas:

TIERRA DE PROMISION — se ha denominado al Uruguay en oportunidades diversas, por la fertilidad prodigiosa de su territorio, por las bellezas de sus paisajes, por la facilidad que acuerdan sus leyes, su naturaleza y su clima, para las gestas fecundas del trabajo. Tierra de realización y de progreso, tierra generosa abierta a todas las nobles energías creadoras, a todas las razas, tendencias e ideas, puede afirmarse, sin incurrir en exageraciones de un patriotismo enfermizo, que es el Uruguay, cuyo porvenir es inmensamente grande y auspicioso. Con amplias costas al Océano Atlántico, río de la Plata y Uruguay, está en contacto permanente con todas las naciones civilizadas del mundo, recibe de ellas la influencia renovadora del pensamiento y cultura universal y marcha con ritmo palpitante de pueblo joven, sin ambiciones territoriales, sin conflicto de fronteras, con elevado concepto de la libertad, hacia sus grandes destinos seguros, por el perfeccionamiento de sus instituciones, la liberalidad de sus leyes, la capacidad integral de su ambiente de trabajo y el desarrollo de sus industrias y comercio. **Es, por otra parte, la única nación de América que puede hacer la afirmación categórica de que dentro de sus límites territoriales no contiene un sólo núcleo que recuerde su población aborigen. Los últimos charrúas desaparecieron como tribu, sin dejar vestigios perdurables, en el rincón de 'Yacaré Cu ucú, en el año 1832 y desde aquel lejano entonces, casi una centuria, quedó la tierra uruguaya en posesión absoluta de la raza europea y de sus descendientes.**

Hombres laboriosos de todas las nacionalidades, pueblan el país y contribuyen al desarrollo de sus riquezas cuantiosas. Al amparo de una paz estable que se disfruta desde hace más de cuatro lustros sin la mínima alteración, gozando de todas las prerrogativas, libertades y consideraciones, con los mismos derechos y respeto de los nativos, todas las razas del orbe, fundidas en el crisol de nuestra democracia progresiva, encuentran favorable acogida, realizan su independencia económica e intervienen en el desenvolvimiento de la riqueza territorial, de las industrias, del comercio y. de la cultura ambiente³⁷ (Gomez, 1915, p. 06).

Ao começar o editorial com o termo “Terra de Promissão” traz muitos significados, por ser um termo de origem bíblica (terra prometida ao povo de Israel), que remete a ideia de um lugar de vida melhor, próspera, buscando consolidar a ideia de que o país seria esta terra devido a “fertilidade prodigiosa de seu território, às belezas de suas paisagens e à facilidade que suas leis, sua natureza e seu clima oferecem para as fecundas empreitadas do trabalho”. Adiante

³⁷ TERRA DE PROMISSÃO — assim foi denominado o Uruguai em diversas ocasiões, devido à fertilidade prodigiosa de seu território, às belezas de suas paisagens e à facilidade que suas leis, sua natureza e seu clima oferecem para as fecundas empreitadas do trabalho. Terra de realização e progresso, generosa e aberta a todas as nobres energias criadoras, a todas as raças, tendências e ideias, pode-se afirmar, sem incorrer em exageros de um patriotismo exacerbado, que o Uruguai tem um futuro imensamente grandioso e promissor.

Com extensas costas no Oceano Atlântico, no Rio da Prata e no Rio Uruguai, o país mantém contato permanente com todas as nações civilizadas do mundo, recebendo delas a influência renovadora do pensamento e da cultura universal. Marcha com o ritmo vibrante de um povo jovem, sem ambições territoriais, sem conflitos de fronteiras, e com uma visão elevada de liberdade, rumo a seus grandes e seguros destinos, através do aperfeiçoamento de suas instituições, da liberalidade de suas leis, da capacidade integral de seu ambiente de trabalho e do desenvolvimento de suas indústrias e comércio. A parte grifada está no corpo do texto.

reforça a ideia de uma “Terra de realização e progresso, generosa e aberta a todas as nobres energias criadoras, a todas as raças, tendências e ideias, pode-se afirmar, sem incorrer em exageros de um patriotismo exacerbado, que o Uruguai tem um futuro imensamente grandioso e promissor”. Devido ao ocorrido com os indígenas não é errado pensar que ao falarem todas as raças queriam dizer todas as raças brancas oriundas da Europa.

Evoco o trecho grifado obra do centenário há um orgulho explícito de se ter destruído todos os povos indígenas que ocupavam a terra:

“Além disso, o Uruguai é a única nação da América que pode afirmar categoricamente que, dentro de seus limites territoriais, não contém nenhum núcleo que remeta à sua população indígena original. Os últimos charruas desapareceram como tribo, sem deixar vestígios duradouros, no rincão de Yacaré Cuucú, no ano de 1832. Desde então, há quase um século, a terra uruguaia ficou em posse absoluta da raça europeia e de seus descendentes”.

A esta narrativa de que se quer vender é de que:

“Homens laboriosos de todas as nacionalidades povoam o país e contribuem para o desenvolvimento de suas riquezas abundantes. Sob a proteção de uma paz estável, desfrutada há mais de vinte anos sem a menor interrupção, e gozando de todas as prerrogativas, liberdades e considerações, com os mesmos direitos e respeito que os nativos, todas as raças do mundo, fundidas no crisal de nossa democracia progressista, encontram acolhida favorável, alcançam sua independência econômica e participam no desenvolvimento da riqueza territorial, das indústrias, do comércio e da cultura do país”.

Em suma, o álbum do centenário é o reflexo da narrativa que se quer consolidar. Ao aproximarmos do bicentenário da independência, analisaremos elementos contemporâneos para verificar se esta narrativa se mantém ou se apresenta alterações.

3.3 OUTRAS REPRESENTAÇÕES RELEVANTES

O primeiro elemento a ser analisado é a música, uma ferramenta que ajuda a consolidar a identidade de uma comunidade através do sentimento de pertencimento. Ao mesmo tempo ela traz uma mensagem que pode representar uma causa, um povo, uma história.

A Música é uma síntese dos processos cognitivos que estão presentes na cultura e no ser humano: as formas que ela apresenta e os efeitos que ela causa nas pessoas são gerados pelas experiências sociais dos seres humanos em diferentes meios culturais. Música é som humano organizado, por isso ela expressa aspectos da experiência dos indivíduos na sociedade (Blacking, 2000, p.89)

Optamos por uma música uruguaia sem regravação em português, uma regravada e trechos de outras oriundas do cancioneiro nativista gaúcho que vincula o termo “*gaucho*” o mestiço pampeano com o gaúcho, figura imponente da cultura do Rio Grande do Sul. A primeira música escolhida foi “Artigas Y Los Charrúas” que exprime a relação entre eles:

Artigas Y Los Charrúas
De dónde viene esa gente oscura
Que no es de bronce ni negra
Enigma la raza Charrúa
Se defienden sin nombrar a Dios
Con instintos de fiera y majestad
Y hasta el tigre y el león se le someten
Y se rinde hasta el que no quisiera
Aunque no tienen corazón de hielo
Pelean sin temor de morir
Sin crespón ni pañuelo
A nadie respetan sino Artigas
Lo admiran por jinete valiente
Por que no elude las fatigas
Para que se respete a esa gente
 [...]
 Según ellos es el gran cacique
Saben que así no habrá quien les quite
La libertad, de su raza y nación
*Defienden con ardiente furor*³⁸

A composição de Joaquin Lenzina é ao mesmo tempo um tributo aos Charruas e sua bravura enquanto combatentes, e a figura do General Artigas, herói nacional. interpretá-la enquanto ferramenta de representação identitária é complexo, pois mostra que, mesmo sendo leais a ele, e depois a Rivera, foram dizimados em Salsipuedes. Ou seja, mesmo lutando na mesma frente, foram usados e antes de serem descartados, foram massacrados e excluídos da história oficial.

A segunda composição, é de Arnaud Rodrigues, e é intitulada Índio do Uruguai

Índio do Uruguai
 Conheci um velho índio do Uruguai
 Ele já foi onde a gente não sabe se vai
 Eu aprendi com o velho índio do Uruguai
 Que a vida é de quem correr menos em busca de mais
 Disse que o mar para na areia
 Me disse que a alma é mais branca

³⁸ De onde vêm essas pessoas escuras? / Qual não são de bronze nem negras / Enigma, a raça Charrúa / Eles se defendem sem nomear Deus / Com instintos de fera e majestade / E até o tigre e o leão se submetem a eles / E se rendem a quem não o quer / Embora não tenham um coração de gelo / Lutam sem medo de morrer / Sem crepe ou lenço / A ninguém respeitam, só a Artigas / Eles o admiram por ser um cavaleiro valente / Por que não ilude aos fatigados / Para que se respeitem essa gente.

Naqueles que a pele é mais feia
 Conheci um velho índio do Uruguai
 Que fez e que faz coisas índias que o branco não faz
 Me disse que a Estrela Dalva assim que sai
 Está na hora de falar ao filho em nome do pai
 [...]
 E disse que fome de amor
 Só amor é que serve de ceia

Esta canção oferece uma reflexão sobre a ancestralidade e ao respeito aos saberes antigos.

Na composição de Iedo Silva Maragato Farroupilha, no trecho:

Gaúcho és índio charrua cavaleiro nato livre e peleador
 Poeta que canta a terra com simplicidade pureza e amor
 Marcaste também nas batalhas com ferro e fogo teu nome guerreiro

Vemos um claro espelhamento entre as figuras, como sendo “nato, livre e peleador”. Aqui, cabe refletir sobre o uso da boleadeira, que era um instrumento de caça dos Charrua que hoje faz parte do folclore gaúcho. Regis Marques na Composição “Boleadeira” retrata isto:

Da guerra, da caça, do índio
 Se vem ao homem campeiro
 A boleadeira
 Eram charruas minuanos
 [...]
 Tironeavam céus e prados
 Por certo, a história maneada
 [...]
 Num voo de boleadeira
 Pra defesa ou pra o ataque
 Da indiada, pátria guerreira
 Guapeando a tribo de um povo
 Da sua resistência
 A boleadeira, por certo
 Foi defesa da querência
 Num tiro de boleadeira
 Que rasga o azul do céu
 Por certo, o corpo se estende
 Enredado num sovêu
 [...]
 É a honra de ser gaúcho
 De um passado peleador
 [...]
 Reboleando a boleadeira
 Vou revivendo o passado
 Da minha raça campeira
 [...]

As músicas refletem um contraponto ao apagamento da memória Charrua, exaltando aquilo que o Estado uruguaio e seus memorialistas trataram como algo pejorativo, são tratados

como valências positivas e dignas de serem ressaltadas. A construção desta figura mestiça que descende dos Charrua também merece ser levada em consideração, afinal, ele não é o descendente direto de um europeu ou de um Charrua, é uma mistura de povos, costumes e tradições.

As premiações constituem-se como elementos interessantes de análise, temos o Troféu Charrua de Ouro e o Premios de Charrua, que são entregues respectivamente a artistas de relevância no cenário local ou internacional e aos principais esportistas uruguaios.

O “Troféu Charrúa de Oro” que é considerada a maior honraria do folclore uruaio, que é entregue anualmente desde 1974 ao artista ou convidado de maior destaque, considerando sua atuação, trajetória e, aceitação popular. O autor da primeira estatueta foi escultor Juan Pedro Morra que a criou em 1973. Essa estatueta, criada pela primeira vez em 1973 pelo, natural da cidade de Canelones, já foi entregue a artistas não apenas do Uruguai, mas também a convidados de outras partes do mundo, como Argentina e Taiwan.

Figura 4 Troféu Charrua de Oro



Fonte: El país: <<https://www.elpais.com.uy/informacion/la-entrega-del-charrua-de-oro-genero-polemica>>

Outro prêmio que menciona o termo Charrua, é proposto pelo Círculo de Periodistas Deportivos del Uruguay que no ano de 2024 celebrou a 5ª 1ª edición de los Premios Charrúa”, que premiou os melhores esportistas do ano.

Figura 5 Flyer Premios Charrúa 2023-2024



Fonte: <<https://www.cpdu.org.uy/destacados/51a-edicion-premios-charrua/>>

Mesmo com a sistemática perseguição aos povos Charrua e a busca pelo apagamento de sua existência nos livros de história e na narrativa oficial do Uruguai, é representativo que dois troféus que premiam os “melhores do ano” tenham o Charrua em seu nome. É um passo significativo para o reconhecimento da existência dos descendentes deste povo que fora dizimado pelo governo da Banda Oriental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher analisar o processo de construção da nação uruguaia precisamos compreender um complexo cenário político (polarizado entre Blancos e Colorados) e econômico que permeava os interesses locais (modernização ou manutenção dos modelos econômicos) e internacionais por toda a Bacia do Prata. Tudo isto impactando diretamente na constituição da identidade da República Oriental do Uruguai. Cabe ressaltar que concomitante a isso, temos o processo de genocídio dos povos indígenas e a impossibilidade dos sobreviventes de manifestar a sua cultura, para construção de uma sociedade com o crisol voltado para uma identidade branca (europeia) e livre da “malemolência” dos indígenas. Como vimos ao longo do trabalho a recorrente afirmação dos detentores da narrativa oficial que não existem resquícios da presença dos Charruas nas Bandas Orientais

Este cenário ofertou à pesquisa um objetivo geral analisar de que forma a identidade Charrua se mantém presente no estado uruguaio contemporâneo. Que hipoteticamente ao ser declarado com um grupo originário extinto por meio de um genocídio, sua contribuição seria inexistente e sua preservação desnecessária. buscamos ainda historicizar o processo de apagamento da figura do Charrua no Uruguai, analisar sua presença enquanto reconhecimento identitário e compreender as nuances que compõe o povo e a nação uruguaia.

Vimos, que o desenvolvimento do Uruguai após a consolidação do processo de ocupação e cercamento das terras e consequente expulsão / interiorização dos indígenas definiu os rumos sociais e econômicos e identitários da República Oriental, que alicerçaram a construção de uma narrativa histórica que apaga as possíveis contribuições dos Charruas para o processo de independência por exemplo, para ressaltar apenas seu lado belicoso, dotando-os da pecha de inimigos da civilidade.

Percebemos ao longo do trabalho que existe uma não aceitação do passado interfere diretamente nas construções sociais e nas relações sociais entre os indivíduos do país. Ao passo em que não se reconhece o outro, como cidadão, e como parte da sociedade com seus direitos e deveres, temos o estreitamento das relações e o fortalecimento do preconceito e consequentemente se desrespeita a cultura daqueles que não fazem parte dos “escolhidos”.

Mesmo com a consolidação do termo garra charrua, como sinônimo endógeno do “ser uruguaio”, criação de troféus que usam o nome Charrua, não vemos movimentos que de fato tenham o interesse de se preservar a memória dos Charrua. Ou, para ficar semanticamente mais completo, não se tem o interesse de reconstituir, reconstruir, revelar, rememorar ou qualquer outro verbo sinônimo a memória dos Charrua. Se preza pela reafirmação de que sua língua e

sua cultura foram extintas, mesmo com a crescente autodeclaração de descendentes e a consolidação de movimentos que buscam reavivar isto. É contraditório dizer que os movimentos existem e buscam afirmação, ao mesmo tempo que o apagamento sistemático continua. Afinal, seria uma espécie daquele dito coloquial “para inglês ver”.

Ao longo da construção do presente trabalho percebemos que existem poucas produções em português sobre a temática, mesmo ela tendo relação próxima a construção das identidades gaúchas não vinculadas a imigração. Pensar sobre a construção da identidade charrua é, portanto, pôr em evidência a própria constituição da ideia do gaúcho mestiço, do campo, que não se enquadra enquanto branco nem com como índio, se consolidando, como uma interessante vertente de pesquisas para trabalhos futuros que busquem compreender, por exemplo as relações fronteiriças e a mestiçagem que originou o gaúcho pampeano.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA Y LARA, E. Un Linaje Charrúa en Tacuarembó (A 150 años de Salsipuedes). **Revista de La Facultad de Humanidades y Ciencias**. Séries Ciencias Antropológicas. VolII. Nº2, 1981.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. Reflexiones sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANEP (Administração Nacional de Educação Pública), Quinto. **Un niño, un libro**. Consejo de Educación Primaria Oficina de Planeamiento y Presupuesto – Programa Fortalecimiento del Area Social – Centro de Innovación y Desarrollo – Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD), 1996.
- ARDAO, A. **Battle y Ordoñez y el positivismo filosófico**. Montevideo, Número, 1951.
- ARCHETTI, E. P. **Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina**. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- ARECES, N. Las sociedades urbanas coloniales. En Tándeter, E. (dir.); **Nueva Historia Argentina II**: 145-187. Buenos Aires, Sudamericana, 2000.
- BACZKO, B; BETESH, P. **Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas**. 1991.
- BARTOLOME, M. A., “Los laberintos de la identidad. Procesos identitarios en las poblaciones indígenas”, In: **Avá**, 9, Agosto, p. 28 – 48, 2006.
- BAYCE, R. “Cultura, identidades, subjetividades y estereotipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso del fútbol uruguayo”. In Pablo Alabarces (org). **Futbolologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.
- BECKER, I. I. B, CABEY J. P. Os índios da banda oriental do Uruguai. os charrua e minuano: seu histórico, abastecimento e assentamento. Sua relação com as frentes expansionistas. in **Anais do 11 Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros**, Santa Rosa, 1977.
- BHABHA, H. K. **Nación y Narración**, Buenos Aires, Siglo XXI, 2010.
- BLACKING, John. **How musical is man?** Londres/ Seattle: University of Washington Press, 2000.
- BRUTTI, T. A.; HILLESHEIM, L. P.. Autodeterminação dos povos originários Charruas, do Uruguai, compreendidos como sujeitos de direito internacional. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, v. 36, n. 1, p. 77–90, 2023. DOI: 10.47250/forident.v36n1.p77-90. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/18038>. Acesso em: 2 dez. 2024.
- CADAVAL, D. C. **Bernardino García e Descendentes Charrua no Uruguai contemporâneo: Uma etnografia sobre configurações de memória e identidades ameríndias**

em Tacuarembó Trabalho de conclusão de curso (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2013.

CORONATO, D. R. As Fases da Política Externa do Império do Brasil na Relação com a República Oriental do Uruguai (1828-1864).

CORTE, J. I. G. G. **Em busca da memória e da identidade: A resistência do povo Charrua no Uruguai**. 2017. Dissertação de Mestrado. 175 fls. UNIRIO.

CAETANO, G., “Ciudadanía y nación el Uruguay del Centenario (1910 – 1930). La forja de una cultura estatista”, **Iberoamericana** X, 39, 2010, p. 161-176.

CAETANO, G. **Los uruguayos del Centenario**, Nación, ciudadanía, religión y educación (1910-1930). Montevideo, Taurus, 2000.

CAETANO, G.; RILLA, J. Los batllismos y su peripecia. In: PITA, Fernando (Comp.). **Las brechas en la historia**. Montevideo, Ediciones de Brecha, 1996. Tomo II.

COLOM GONZÁLEZ, F. **Relatos de Nación**. La construcción de las identidades nacionales en el mundo hispánico, Madrid, Editorial Iberoamericana, 2005

DIAZ, E. Institucionistas y socialistas. In: BIAGINI, Hugo E. (Comp.). **Orígenes de la democracia argentina: el trasfondo krausista**. Buenos Aires: Legasa, 1989.

GARCÍA GOYOS, V. **El discurso hegemónico nacional uruguayo y los efectos de la crisis, 1998-2004**. Tese de Doutorado, 421 fls. Universidade de Barcelona. Barcelona: 2016.

GOMEZ, J. C. **El libro del centenario del Uruguay: 1825-1925**. Montevideo: Imprensa Latina UCAR Blanco. 1925. Disponível em:
<https://pmb.parlamento.gub.uy/pmb/opac_css/doc_num_data.php?explnum_id=926>.
Acesso em: 03, dez. 2024.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HEINSFELD, A. Ao sul do Rio Grande do Sul: a retificação dos limites territoriais com o Uruguai, 1909. In: **CADERNOS DO CHDD**, ano 6, número especial. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007, p. 141-172.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Orgs.). **La invención de la tradición**. Barcelona: Crítica, 2002.

HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

IRIBARNE, A. F. R. **Uma arqueologia do apagamento: narrativas de desaparecimento charrúa no Uruguai desde 1830**. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, fevereiro de 2017. Disponível em:
https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/62185388/Disertacion_Francesca_Repetto_version_portugues_revisado_final20200224-111885-cx-17fw.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DDissertacao_mestra-do_Uma_Arqueologia_do.pdf.
Acesso em: 25, out. 2024

LATINI, S. Reducción de Charrúas en la “Banda del Norte” a principios del siglo XVII: ¿logro del poder colonial o estrategia indígena de adaptación?. **Memoria Americana. Cuadernos de Etnohistoria**, v. 21, n. 2, p. 203-233, 2 dic. 2013. Disponível em: <<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/MA/article/view/11848>>. Acesso em 30, nov. 2024.

MORAES, M. M. Comemorações do bicentenário uruguaio em 2011: negociações em torno da identidade nacional. 2013.

MORALES, A. **Fútbol, Identidad y Poder**. Montevideu: Editorial Fin de Siglo, 2013.

PANITZ, L. M. **Por uma geografia da música**: o espaço geográfico da música popular platina. Dissertação de Mestrado, 201 fls. UFRGS, 2010.

POLLAK, M., Memória, esquecimento, silencio, em: **Estudos Históricos**, v.2, n.3, Rio de Janeiro, 1989, pp. 3-15.

POZO, J. del. **História da América Latina e do Caribe – do processo de independência aos dias atuais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

SANGUINETTI, J.M., “El charruísmo”, **El País Digital**, 2009. Disponível em: <http://historico.elpais.com.uy/09/04/19/predit_411886.asp>. Acesso, 25, out. 2024.

SOARES, T. **História da Formação das Fronteiras do Brasil**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

VERDESIO, G. La mudable suerte del amerindio en el imaginario uruguayo: su lugar en las narrativas de la nación de los siglos XIX y XX y su relación con los saberes expertos. In: **Araucaria**, vol.7, Nº13, segundo semestre, 2005.

VERDESIO, G. Un fantasma recorre el Uruguay: la reemergencia charrúa en un “país sin indios”. In: **Cuadernos de Literatura**, vol.XVIII, Nº36, julio-diciembre, 2014, p. 86-107.

VIDART, D., “No hay indios en Uruguay”, **Anuario de Antropología social y Cultural en Uruguay**, Vol. 10, Ponencia presentada en las Jornadas “Pueblos originarios nuevas miradas y debates en torno al pasado indígena, 2011”, Disponível em: <<https://www.yumpu.com/es/document/view/14495377/no-hay-indios-en-el-uruguay-contemporaneo-unesco>>. Acesso em: 25. Out. 2024.

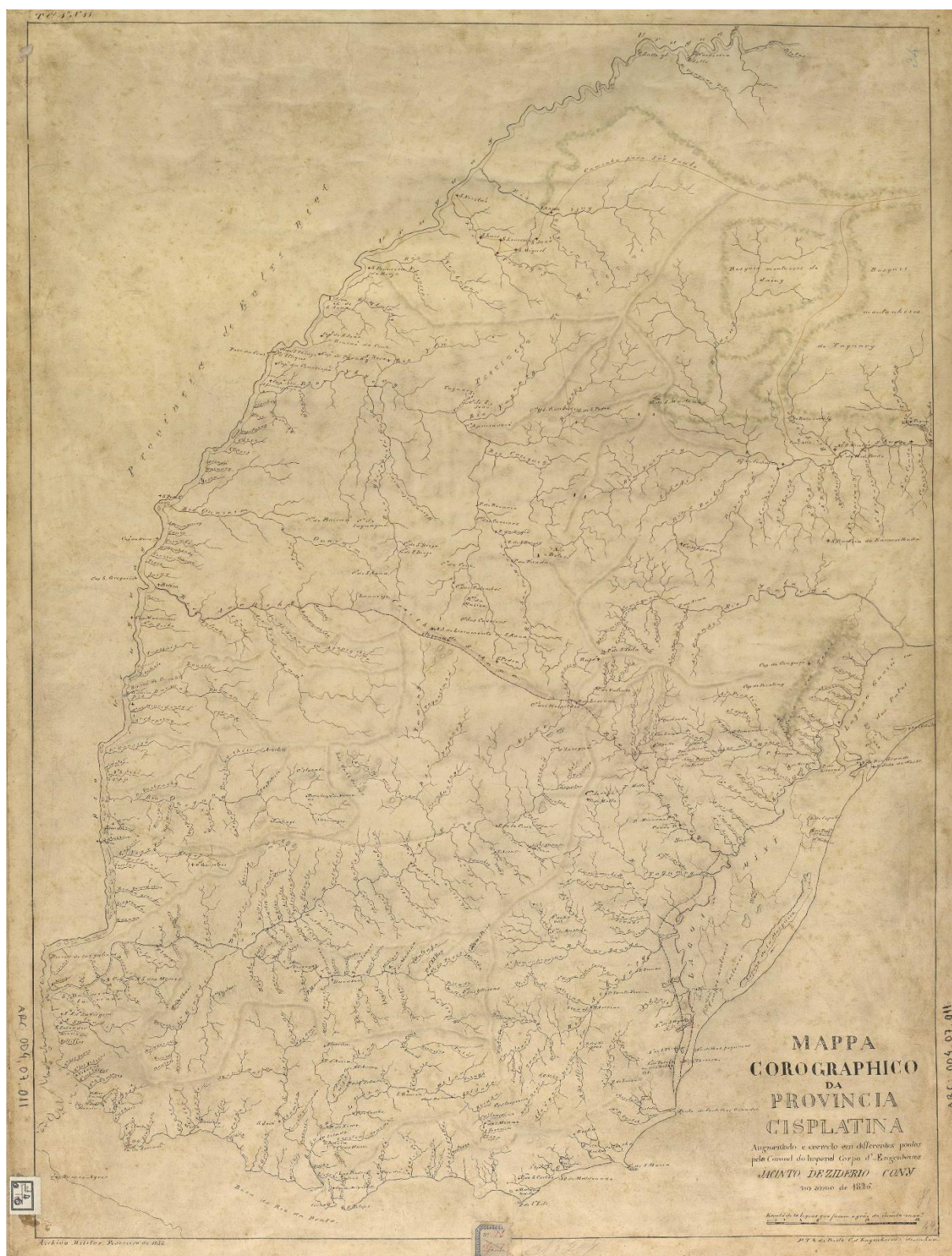
VIDART, Daniel. **Uruguayos - quiénes somos, cómo somos, dónde estamos**. Montevideu: Ediciones B, 2012

WINTER, M. D. As revoluções adotam o seu dialeto peculiar: os significados da independência do Brasil em uma região-fronteira (Província Cisplatina, 1821-1824). **Revista Brasileira de História**, v. 42, n. 89, p. 195-220, 2022.

YAFFE, J. La modernización en el Uruguay: política y economía, 1876-1933. In HEINZ, FF. M. & HERRLEIN JR, R. (organizadores) **Histórias Regionais do Cone Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. Págs. 323-340.

ZARUR, George. **Etnia e nação na América Latina**, Brasil, Centro Editorial OEA, vol. II, 1996.

ANEXO I MAPPA COROGRAPHICO DA PROVINCIA CISPLATINA.



Fonte: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/41921>>